

NEABI INDICA

Sugestões de biografias de personalidades
negras e indígenas e atividades para abordar a
História e Cultura Africana, Afro-brasileira
e Indígena na sala de aula

Nº 03



SUMÁRIO

O NEABI - IFSP 3

Composição do Neabi – IFSP 3

Sobre este Guia 4

Minibiografias 5

Sugestões de biografias de personalidades afrodescendentes
e atividades para abordar a História e Cultura Africana e Afro-
-brasileira na sala de aula 9

Sugestões de biografias de personalidades indígenas
e atividades para abordar a História e Cultura Indígena na sala
de aula 61



O NEABI – IFSP

Lançado oficialmente em 20 de agosto de 2015, em cerimônia no auditório Prestes Maia da Câmara Municipal de São Paulo, o Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI) do IFSP teve seu regulamento aprovado pela Portaria Nº 2.587, de 28 de julho de 2015.

No espírito das Leis 10.639/03 e 11.645/08, o Núcleo existe para que as questões étnico-raciais, como o racismo e a xenofobia, não fiquem à margem e sejam encaradas com a devida seriedade nas ações de ensino, pesquisa e extensão desenvolvidas no âmbito do Instituto Federal de São Paulo, ou que estejam a ele vinculadas. Isso significa zelar pelo fiel e adequado cumprimento da legislação, promovendo e ampliando as ações inclusivas e o debate acerca do racismo em nosso país.

Além de incentivar e ampliar ações que já existem, o NEABI tem sido propositivo e juntamente com a comunidade escolar tem buscado novas propostas, novos caminhos de inserção efetiva do indígena e do afro-brasileiro em todas as esferas da sociedade, das quais foram e ainda são excluídos, em função de valores culturais e práticas institucionais discriminatórias e sectaristas.

O NEABI traz o compromisso do IFSP de reconhecer que o racismo e a discriminação ainda são práticas recorrentes, e acontecem muitas vezes de modo velado, dissimulado por um discurso pseudo-inclusivo. Portanto é necessário que as questões sejam postas em discussão, refletidas em todos os âmbitos do IFSP a fim de promovermos educação para as relações étnico-raciais que visa igualdade de direitos e condições de acesso e permanência por meio da valorização da diversidade e respeito mútuo. É este o compromisso do NEABI.

COMPOSIÇÃO DO NEABI – IFSP

Coordenação Geral

Adelino Francisco de Oliveira
(Coordenador)
Andréia Regina Silva Cabral
(Vice- Coordenadora)
Renato Felix Lanza
(Secretário)

Membros

Adriana Marques
Alexandre da Silva de Paula
Aline Maria Miguel Kapp
Ana Carolina Vila Ramos dos Santos
Carlos Felipe de Oliveira Silva
Caroline Felipe Jango Feitosa
Christian Fernando dos Santos Moura
Cristiane Santana Silva
Dandara Jumaane Silva Borges Gomes
Davina Marques

Eder Aparecido de Carvalho
Eulalia Nazaré Cardoso Machado
Elaine Cristina dos Santos
Elisandra Pereira
Eduardo Castro
Estela Pereira Batista
Francisco Fabbro Neto
Isabel Cristina Correa Cruz
Isabelita Maria Crosariol
Janaina Ribeiro Bueno Bastos
José Márcio Vieira
José Francisco Ferreira de Oliveira
Juliana Serzedello Crespim Lopes
Karine Cardoso de Almeida
Leonardo Alves da Cunha Carvalho
Leonardo Borges da Cruz
Lorena Faria de Souza
Luciano Paz de Lira
Magda Sílvia Donegá
Marina Aparecida Rodrigues de Oliveira
Marcos da Cruz Alves Siqueira

Marcos da Silva e Silva
Marcos Tarcisio Florindo
Michael dias de Jesus
Michelli Aparecida Daros
Moacir Silva de Castro
Monique Priscila de Abreu Reis
Patrícia da Silva Nunes
Paulo Fabrício Roquete Gomes
Rafael Alves da Silva
Rafael da Costa Natera
Renata Maria Tamaso
Rubens Arantes Correa
Silvana Camargo de Castro
Tadeu Mourão
Tatyana Murer Cavalcante
Valquíria Pereira Tenório

Colaboradores desta edição

Daniela Corrêa Nachif
Daniela Ortega Caetano dos Santos
Erika Bastos Arantes:
Larissa Cristina Infante:
Paulo Henrique Ferreira Borges dos Santos

SOBRE ESTE GUIA

O NEABI Indica em sua terceira edição traz em seu bojo questões que envolvem memória e resistência. Queremos destacar desde o início a força da memória e do compartilhar. Registrar que a memória não é apenas individual, ela é também coletiva, que precisamos do outro para apoiar nossas lembranças, para acessar aquelas que, aparentemente, estavam perdidas/invisibilizadas no passado. Memória é trabalho, é estarmos dispostos a dialogar, pois é necessário nos apoiarmos nas lembranças alheias para reconstruirmos um todo menos impreciso. Em tempos atuais, esse tema parece se colocar de maneira ainda mais presente, principalmente, para aqueles grupos sociais que têm suas memórias invisibilizadas diante de uma narrativa histórica que deve ser mais plural.

Há diversos grupos de pesquisa no Brasil e pelo mundo afora pensando em uma revisão da história e como ensiná-la nas escolas, uma vez que não há nada de natural na reconstrução do passado. Se olharmos para nossa história oficial podemos notar que ela apresenta a visão de um determinado grupo, daqueles que detém o poder de registrar, por isso, o protagonismo de muitos personagens e grupos não estão ou não estavam presentes.

Amparados por essas ideias é que trazemos nesse NEABI Indica 3 diversas biografias de personalidades negras e indígenas, mulheres e homens, do passado e do presente, de diferentes lugares da diáspora negra, ativistas, artistas, professores/as, escritores/as, heróis e heroínas que nos fazem refletir sobre nossa brava história de resistência às opressões, sejam elas físicas, simbólicas, sejam elas responsáveis por uma tentativa constante de nos invisibilizar que não se realiza por completo, porque para além do que a história registra existem as vivências e a manutenção dentro dos grupos de suas lembranças e o fortalecimento de suas identidades.

Buscamos com esse material atender as leis 10.639/2003 e 11.645/2008 que alteraram a Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996 e instituíram a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Africana, Afro-Brasileira e Indígena em todos os níveis da educação brasileira, um passo importante não apenas para se ensinar a história dos negros e indígenas, mas para se ensinar e aprender sobre a própria história do Brasil.

Dessa maneira, as biografias aqui apresentadas juntamente com sugestões de atividades didáticas elaboradas por membros do NEABI-IFSP atuam como um guia a ser utilizado como apoio às práticas docentes, em diferentes áreas do conhecimento, não apenas na rede IFSP, mas para todos aqueles que buscam ampliar suas visões de mundo, incorporando outros personagens, lançando luz a outros protagonistas da nossa história.

Prof. Adelino Francisco de Oliveira

Prof. Leonardo Alves da Cunha Carvalho

Profa. Marina Aparecida Rodrigues de Oliveira

Profa. Valquíria Pereira Tenório

(Organizadores)



MINIBIOGRAFIAS

Colaboradores internos (Neabi-IFSP):

Adelino Francisco de Oliveira

Professor no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP), campus de Piracicaba. Graduado em Filosofia pela Universidade São Francisco (1996). Mestre em Ciências da Religião, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2004) e Doutor em Filosofia, pela Universidade Católica Portuguesa (2013). Pós-doutor, pelo Departamento de Economia, Administração e Sociologia, da Universidade de São Paulo, Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" USP/ESALQ. Coordenador do Curso de Pós-Graduação Lato Sensu Educação em Direitos Humanos, do IFSP, campus Piracicaba. Coordenador do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI), do IFSP. Líder do Grupo de Pesquisa Direitos Humanos e Juventude, vinculado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo. Membro pesquisador do Grupo de Pesquisa Pós-Modernidade e Religião (Pós-Religare), vinculado ao programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências da Religião da PUC/SP. Membro pesquisador do Observatório da Criminalização da Pobreza e dos Movimentos Sociais.

Andréia Regina Silva Cabral Libório

Graduada em PEDAGOGIA pela FACULDADE ESTÁCIO COTIA (2011). Especialista em Gestão do Trabalho Pedagógico (Inspeção, orientação e Supervisão Escolar) pela Faculdade de Educação e Tecnologia da Região Missionária-FETREMIS/ RS (2015). Licenciada em Artes Visuais UNIMES/SANTOS. Especialista em História e Cultura do Brasil pela UNICOIMBRA Instituto Coimbra (2017), Mestre em Ensino de Ciências e Matemática pelo Instituto Federal de Educação Ciências e Tecnologia de São Paulo - Campus São Paulo. Atualmente é Pedagoga do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo - Câmpus Registro, exercendo função- Coordenação de Jovens e Adultos. Vice -Coordenadora do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (NEABI). Tem experiência na área de Educação:

Atuou como Professora na Educação Infantil, Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos (1º ao 5º ano das séries iniciais), Coordenação e Gestão Educacional (Educação Infantil e Ensino Técnico). Áreas afins: Gestão Educacional; Avaliação do processo de ensino e aprendizagem; Formação continuada de professores e Educação Escolar Quilombola, Educação das Relações Étnico- Raciais, Etnomatemática. Integrante do Grupo de Pesquisa de Estudos Afro-brasileiros e indígenas GPEABI do IFSP.

Ana Carolina Vila Ramos dos Santos

Doutora em Sociologia pela UNICAMP (2013), Mestre em Sociologia pela UNICAMP (2008) e bacharel e licenciada em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (2003). Tem experiência na área de Sociologia, com ênfase em Teoria Sociológica, Sociologia Ambiental, Pensamento social brasileiro e Sociologia Rural. Atualmente é Professora de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal de São Paulo, campus São Paulo-Pirituba e desenvolve pesquisas que refletem as relações entre juventude, feminismo e periferia.

Davina Marques

Graduada em Português/Inglês (UNIMEP) e em Pedagogia (UNICAMP). Mestre em Educação (UNICAMP), MA in Curriculum and Teaching (Michigan State University/EUA) e doutora em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa (USP). Professora no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo - Câmpus Hortolândia. Coordenadora do Experimentações: Núcleo de Pesquisa em Leituras, Escritas e Imagens. Diretora Adjunta Educacional do IFSP- Câmpus Hortolândia, desde 2017. Pesquisadora e colaboradora do Grupo de Estudos Audiovisuais - OLHO da Faculdade de Educação da UNICAMP e integrante do GT Deleuze da ANPOF. Membro do Grupo de Estudos em Narrativas Médicas (GENAM - USP) e do Nú-

MINIBIOGRAFIAS

cleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI - IFSP). Foi membro, de 2011 a 2018, da Diretoria da Associação de Leitura do Brasil (ALB). Coordenadora, desde 2012, em parceria, da Comissão Editorial da Revista Leitura: Teoria & Prática.

Estela Pereira Batista

DOCENTE do INSTITUTO FEDERAL DE SÃO PAULO, Campus Campinas (atual). Atuação no Ensino Médio Integrado e na Graduação em Pedagogia, Licenciatura em Matemática. Atuação na Equipe de Formação Docente e no Núcleo de Estudos Afro Brasileiros e Indígenas. Orientadora e integrante do NDE do curso de Licenciatura em Artes Visuais. Doutoranda em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo – FEUSP. Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, título obtido em Fev/2011. Especialização em Ecologia, Arte e Sustentabilidade pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita F. - UNESP e Universidade do Meio Ambiente e Cultura de Paz - UMAPAZ. Especialização em Política e Relações Internacionais pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo com disciplina Didática e Prática de Ensino. Participação dos Grupos de Pesquisa "Trabalho e Educação"; - FEUSP e "Abordagens teóricas e práticas para uma formação crítica"; - IFSP. Graduada pela Faculdade de Comunicação e Artes da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Licenciada em Artes Visuais pelo Centro Universitário Ítalo Brasileiro.

Elisandra Pereira

Graduada como Tecnóloga em Gestão Empresarial pela Faculdade de Tecnologia de São Paulo (2014). Formação Pedagógica para profissionais da Educação Profissional e Tecnológica - IFSP Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de São Paulo (2015). Docente do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula

Souza - ETEC Sertãozinho (2016 e 2017) nos cursos Técnico em Administração e Logística. Docente na escola Microlins Ensino Profissionalizante - curso de Administração. Especialização em Trabalho Docente nas Relações Étnico Raciais (Universidade de Araraquara SP). Ciências Sociais (Universidade de Franca SP). Membro do Comitê dos Direitos Humanos Relações Étnico Raciais e de Gênero do Instituto Federal campus Sertãozinho SP. Membro do NEABI IFSP - Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas do Instituto Federal de SP- equipe formação de formadores. Membro do Núcleo de Estudos de Educação Profissional e Tecnológica NEEPT - do Instituto Federal SP. Membro do Conselho Municipal de Políticas de Igualdade Racial de Sertãozinho (2015 a 2017). Pesquisa e trabalho social atuando principalmente nos seguintes temas: sobre a inserção da história e cultura afro-brasileira e africana na educação básica de núcleo comum e profissional tecnológica de nível médio e sobre a construção da identidade étnica da população negra em ambientes escolares e não-escolares.

Juliana Serzedello Crespim Lopes

Mestre em História Social pela Universidade de São Paulo, titulada em abril de 2008. Autora do livro "Identidades políticas e raciais na Sabinada (Bahia 1837-1838)"; publicado em 2013 pela Alameda Editorial. Vencedora do Prêmio Palmares de Monografia e Dissertação de 2010 (categoria dissertação, área temática Cultura Afro-Brasileira, região Sudeste). Atualmente é professora EBTT no Instituto Federal de São Paulo (IFSP), no Campus Itaquaquecetuba e membro do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas do IFSP (NEABI).

Leonardo Alves da Cunha Carvalho

Professor EBTT Sociologia, campus São Miguel Paulista. Membro integrante do Neabi. Marcos Tarcisio Florindo Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1997), mestre em História pela Universidade

Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2000) e doutor em Sociologia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2007). Experiência docente e de coordenação acadêmica em cursos nas áreas das ciências sociais, da administração de empresas, da Pós-Graduação *latu sensu* e do mestrado em gestão e políticas públicas. Atua em pesquisas nas seguintes áreas temáticas: políticas públicas, Estado e modernização da sociedade, formação e desenvolvimento das instituições policiais. Foi professor da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo e da Fundação Perseu Abramo, entre outros. Atualmente é professor EBTT do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, lotado no Campus de Bragança Paulista.

Marina Aparecida Rodrigues de Oliveira

Professora EBTT no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo – Campus Boituva. Graduada em Letras - Português e Espanhol pela Universidade Braz Cubas. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Línguas Estrangeiras Modernas. É integrante do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI) e do Grupo de Pesquisa Educação, Política e Sociedade (GPEPS) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo.

Michael Dias de Jesus

Graduado em Geografia pela Faculdade de São Paulo (2015). Pós-Graduando Pelo Instituto Federal de São Paulo em Docência do Ensino Superior. Atualmente é Professor de Geografia da Rede Estadual de Ensino do Estado de São Paulo. Integrante do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas do Instituto Federal de São Paulo (NEABI). Membro do Coletivo Negro Quilombo Cabeça de Nego do Instituto Federal de São Paulo. Estudante das Relações Étnico-Raciais. Seus Estudos Versam Sobre: Racismo Institucional nas Escolas; Aprendizagem das Crianças Negras na Educação Básica; Descolonização do Currículo; Formação de Professores Como Agentes de Combate do Racismo de Acordo com a Lei 11.645/08 que Alterou a Lei 10.639/03. Atualmente Desenvolve um Estudo Reflexivo Sobre a Formação de Professores Baseado no Livro Quarto de Despejo da Escritora Literária Negra Carolina Maria de Jesus, Popularmente Conhecida como Carolina de Jesus.

Moacir Silva de Castro

Professor no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, Campus Regis-

tro. Doutorando do Programa de Educação: História, Política e Sociedade pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP, Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Gestão e Práticas Educacionais da Universidade Nove de Julho (PROGEPE - UNINOVE). Membro do GRUPEIFORP (Grupo de Pesquisa de Educação Infantil e Formação de Professores). Graduado em Pedagogia pela UNESP. Licenciado em Geografia pela UNINOVE. Especialista em Geografia (UNESP), Especialista em Coordenação Pedagógica (UFSCar) e Especialista em Educação para as Relações Étnico-Raciais (UFSCar). Tem experiência na área de Educação (Ensino Básico e Superior; Coordenação Acadêmica; Ensino de Geografia e Gestão Escolar na Educação Básica e Ensino Superior), Educação das Relações Étnico-Raciais e Ciências Humanas/Sociais.

Monique Priscila de Abreu Reis

Mestra em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Especialista em Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas pela Universidade de Brasília (2010). Possui Licenciatura em Artes (Claretiano, 2015) e Bacharelado em Artes Cênicas, habilitação em Direção Teatral pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP, 2004). Atuou como professora formadora no curso de Aperfeiçoamento em Educação para as Relações Étnico-raciais da UFSCar (2014-2015). Atualmente é professora de Artes no Instituto Federal de São Paulo. Foi integrante do NEAB/UFSCar entre 2014 e 2017 e atualmente é integrante do NEABI/IFSP. Tem experiência na área de Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: ensino de arte, teatro na educação e educação para as relações étnico-raciais.

Rafael Alves da Silva

Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP. Possui graduação em Ciências Sociais (Bacharel com habilitações em Sociologia e Ciência Política - 2005), Licenciatura Plena em Ciências Sociais (2005) e Mestrado em Sociologia (2008), todos pela Universidade Estadual de Campinas. Realizou estágio de doutorado com projeto sobre Filosofia da Técnica, Trabalho e Tecnologia contemporâneos na Université Paris I - Panthéon Sorbonne. Trabalhou com pesquisa e produção de projetos culturais vinculados

a instituições no Brasil e no exterior. Realizou pesquisa de Pós-Doutorado junto ao Departamento de Sociologia

Tatyana Murer Cavalcante

Graduada em Pedagogia (2001) e Mestre em Educação (2006) pela UNICAMP, e doutora em Educação pela UEM (2012). Professora de disciplinas de Fundamentos da Educação em cursos de Licenciatura e Especialização em Educação Superior, no Campus São Paulo, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo. Pesquisadora sem vínculo empregatício da UEM, junto ao GT-SEAM. Foi professora do Departamento de Fundamentos da Educação (DFE) da UEM (2006-2008) e professora de disciplinas de Educação no curso de Licenciatura em Matemática do Campus Bragança Paulista (BRA) do IFSP (2012-2016). Tenho experiência na área de Educação, com ênfase em História da Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: História da Educação, Historiografia Educacional, Educação Medieval, Nascimento da Universidade, Filosofia Medieval, Tomás de Aquino. Integrante do NEABI-IFSP desde 2015, e pesquisadora do GPEABI (Grupo de Pesquisa e Estudos Afro-brasileiros e Indígenas" do IFSP-SLT), na linha de pesquisa "Discursos e teorias sobre racismo e sobre antirracismo" desde 2017. - IFCH-UNICAMP (2018), com temática voltada para Técnica e Arte Contemporânea. É professor no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo - IFSP e Coordenador de Pesquisa, Inovação e Pós-graduação do Câmpus Itaquaquecetuba - IFSP. Atua principalmente nos seguintes temas: Trabalho, Tecnologia, Brasil, Cultura, Arte.

Valquíria Pereira Tenório

Doutora em Sociologia pela Ufscar, mestre em Sociologia e graduada em Ciências Sociais pela Unesp de Araraquara. Professora EBTT do IFSP, campus Matão. É integrante do Neabi. Trabalha com a temática étnico-racial, história oral, memória, identidade negra no interior paulista e educação para as relações étnico-raciais.



Personalidades AFRODESCENDENTES



ANTONIETA DE BARROS

Nasceu em 17/07/1901 em Florianópolis (SC) e faleceu em 18/03/1952 em Florianópolis (SC)

Filha de uma lavadeira e órfã de pai, Antonieta de Barros teve uma infância muito pobre. Graças a sua mãe, conseguiu ingressar aos 17 anos na Escola Normal Catarinense (um dos poucos cursos que permitiam a entrada de mulheres), formando-se professora de Português e Literatura em 1921. No ano seguinte fundou o “Curso Particular Antonieta de Barros”, voltado para a alfabetização da população pobre de Florianópolis.

Em 1929, Antonieta começa a escrever crônicas para Jornais (A Semana, Folha Acadêmica e República). Por meio de crônicas, veiculava suas críticas ao machismo e racismo e sua defesa intransigente da educação, que entendia como caminho para a emancipação humana. Em 1937, sob o pseudônimo de Maria da Ilha, publica o livro “Farrapos de Ideias”, uma coletânea de crônicas publicadas na imprensa local.

Em 1934, foi eleita pelo Partido Liberal Catarinense (PLC) como a primeira deputada negra do estado de Santa Catarina. Maria da Ilha sabia que a ausência da mulher na esfera pública não representava um fato “natural”, mas indicava a persistência de fatores culturais como reprodutores da desigualdade entre homens e mulheres.

Atuou na assembleia legislativa catarinense até 1937, quando teve início a ditadura do Estado Novo. Com o fim do regime ditatorial, ela se candidatou pelo Partido Social Democrático e foi eleita novamente em 1947, desta vez como suplente. Na ocasião,



Palavras-chave: desigualdade de gênero; desigualdade racial; sufrágio feminino; feminismo.

Componentes curriculares afins

Filosofia; Sociologia; História; Língua Portuguesa.

Fontes de informação

ESPÍNDOLA, Elizabete Maria. “Antonieta de Barros: educação, cidadania e gênero pelas

páginas dos jornais República e O Estado em Florianópolis na primeira metade do século XIX”. In: Anais do Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional. Florianópolis, UFSC, 2013.

FALCARI, Gisele “Antonieta de Barros: protagonista de uma mudança” Disponível em: <http://www.afreaka.com.br/notas/antonieta-de-barrosprotagonista-de-uma-mudanca/>. Acesso em 26/09/2018.

NUNES, Karla Leonora Dahse. Antonieta de Barros: uma história. Florianópolis, UFSC-CFH: Dissertação de mestrado, 2001.

Documentário: Antonieta (2016). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=w511SXzRMU>. Acesso em 26/09/2018.



Biografias– Personalidades afrodescendentes



continuou lutando pela valorização da educação: exigiu concurso para o provimento dos cargos do magistério, sugeriu formas de escolhas de diretoras e defendeu a concessão de bolsas para cursos superiores a alunos carentes.

Ao longo de sua vida, Antonieta atuou como professora, jornalista e escritora. Destacou-se, entre outros aspectos, pela coragem de manifestar suas ideias em um contexto histórico que não permitia às mulheres a livre expressão.

Sugestão de atividade pedagógica

Tema: Direitos Políticos das Mulheres

Público-alvo: Atividade apropriada para público adolescente, jovem e adulto. Ensino Médio, Ensino Profissionalizante, Ensino Superior, Licenciaturas, EJA.

Objetivos: Identificar o modo como opressões de gênero e raça articulam-se na reprodução das desigualdades; compreender o longo processo de luta para a conquista do direito ao voto feminino; formular ações de promoção da igualdade racial e de gênero.

Materiais necessários: Projetor de slides/Datashow.

Métodos ou procedimentos de ação:

1) A imagem abaixo apresenta a composição da Câmara Legislativa do estado de Santa Catarina no ano de 1934, ano no qual a primeira mulher negra é eleita deputada estadual no Brasil. Considere a imagem e explore seus possíveis sentidos com a turma: quais desigualdades esta imagem expressa? Qual o lugar da mulher no Estado brasileiro? Qual o lugar da mulher negra no Estado Brasileiro? Quais dificuldades uma mulher enfrenta na política? Quais dificuldades enfrenta uma mulher negra na política? Qual o papel da sociedade civil na construção de possibilidades de ocupação dos espaços políticos pelas mulheres? Qual a responsabilidade do Estado brasileiro na construção de possibilidades de ocupação dos espaços políticos pelas mulheres?



Biografias– Personalidades afrodescendentes



Fonte da imagem: <https://www.brasilefato.com.br/2016/04/12/documentario-conta-a-historia-da-primeira-deputada-negra-do-brasil-eleita-em-sc/> Acesso em 26/09/2018.

2) Após explorar os sentidos da imagem, leia com a turma os textos abaixo:

A-“Que seremos nós, as mulheres? Irracionais ou domesticadas? Por que esta questão de inteligência e aptidões femininas, ora em foco, se resume, digamos de passagem, em classificar a mulher entre as criaturas superiores ou entre os irracionais [...]. É isto que está agonizante e querem reviver [...]. Inferior aos próprios irracionais, doméstica e domesticada, se contentará, eternamente em constituir a mais sacrificada metade do gênero humano?”. (Barros, Antonieta de apud FALCARI ,Gisele “Antonieta de Barros: protagonista de uma mudança” Disponível em: <http://www.afreaka.com.br/notas/antonieta-de-barrosprotagonista-de-uma-mudanca/> Acesso em 26/09/2018).

B-“Era 1934

E não bastava ser mulher

Era mulher e pobre

E não bastava ser mulher e pobre

Era mulher, pobre e negra

Ainda assim conseguiu ter voz

Ela foi a primeira parlamentar mulher do Brasil”

(Samuel Schimidt Figueira dos Santos. Disponível em <http://justificando.cartacapital.com.br/2017/10/04/antonieta-de-barros-uma-mulher-frente-do-seu-tempo/> Acesso em 26/09/2018)



Biografias– Personalidades afrodescendentes

Utilizar os textos para iluminar as desigualdades de gênero e raça reinantes no sistema político brasileiro, recuperar a história do sufrágio feminino no Brasil e contrastar tal história com a situação da mulher negra no Brasil. Sugere-se que as seguintes reflexões sejam realizadas com a turma: há alguma relação entre representatividade política e exclusão social? Como se daria tal relação?

Possibilidades de avaliação ou produção de resultados:

elaboração de uma pesquisa histórica trazendo à luz mulheres negras que tiveram ou têm protagonismo político no Brasil; recomenda-se que o trabalho de pesquisa seja feito por grupos de alunos (4-5 pessoas). A pesquisa pode resultar na confecção coletiva de um mural que ilumine histórias e trajetórias de mulheres negras na história do Brasil.

Biografias– Personalidades afrodescendentes

TOUSSAINT DE LOUVERTURE

Nascimento - 20 de maio de 1743, Cabo Haitiano, Haiti.

Falecimento - 7 de abril de 1803, Fort de Joux – França.

Toussaint de Louverture, o grande general haitiano, responsável pela condução política e militar durante o processo revolucionário de libertação do Haiti, nasceu escravo. Seu pai, africano, filho de um chefe regional, foi vendido e enviado para as Américas após ser aprisionado durante uma guerra tribal. O escravista que o comprou percebeu certas habilidades em Hippolyte, o nome de batismo do recém cativo, e o empregou em atividades de capatazia, com relativa proeminência em relação aos demais escravos da plantation. Hippolyte tornou-se cristão, casou-se e teve oito filhos, sendo Toussaint o mais velho.

Toussaint L’Ouverture foi criado em meio as plantations da família Bredá, administrada então pelo Conde de Noé. Até os trinta e cinco anos permaneceu trabalhando na casa da fazenda, quando foi alforriado. Concorreu então à escolinha de um professor campesino chamado Pierre Baptiste, seu padrinho, onde aprendeu noções gerais e aperfeiçoou os conhecimentos de francês, pois antes falava o popular patois, uma mistura de palavras de todas as línguas que se entrecruzavam no Caribe. Na biblioteca de seu antigo senhor e mesmo de seu padrinho encontrou vários livros que lhe provocaram as curiosidades da leitura. Entrou em contato com o Abade Raynal e a tradução francesa de “Epicteto”; os “Comentários” de Júlio César; “Os sonhos militares”, do Marechal de Saxe; as narrativas de Heródoto e as “Vidas paralelas”, de Plutarco, além de outros livros da corrente revolucionária, que germinava na Europa. Viveu uma existência tranquila até os quarenta anos



Palavras chaves:

Haiti; revolução; libertação nacional; descolonização.

Componentes curriculares afins:

História; Sociologia; Filosofia

Fontes de informação

AMES, C. L. R. Os jacobinos negros: Toussaint L’Ouverture e a revolução de São Domingos. São Paulo: Boitempo, 2010.

BLACKBURN, Robin. A quebra do escravismo colonial: 1776-1848. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 2002.

Toussaint-Louverture in Artigos de apoio Infopédia [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2018. [consult. 2018-09-28 19:00:54]. Disponível na Internet: [https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/\\$toussaint-louverture](https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/$toussaint-louverture)



Biografias– Personalidades afrodescendentes



de idade, quando a insurreição geral dos escravos veio adverti-lo de sua própria proeminência.

A revolução para independência do Haiti iniciou-se em 1791, tendo à frente os negros e liderados por Toussaint Louverture . Foi uma verdadeira guerra civil que teve, como pano de fundo, os incêndios nos canaviais e combates sanguinolentos contra os senhores e exércitos regulares da Inglaterra, Espanha e França. Na agenda revolucionária estava desde a conquista da liberdade e da igualdade e até mesmo a reforma agrária, uma novidade mais que temerária para os donos das terras. Em 1794, quando o governo aboliu a escravidão nas colônias, os haitianos já tinham conquistado sua liberdade. Toussaint, porém, fiel ao mandato revolucionário do governo republicano francês, manteve a região ligada a antiga metrópole. Formou do nada um exército com 4.000 almas, de invejável capacidade e eficiência militar. Com eles expulsou uma expedição inglesa que veio tomar o Haiti e também derrotou os espanhóis, libertando os escravos de Santo Domingo, na porção espanhola da ilha. Além da genialidade militar, reconhecida pelos aliados e inimigos, Louverture revelou-se um administrador interessante. Fomentou e conservou as lavouras importantes para a subsistência dos ilhéus, criou escolas que ele próprio inspecionava e instalou hospitais.

A revolução, no entanto, não agradou Napoleão, já que a libertação dos escravos diminuiu os lucros com o que era outrora a mais lucrativa colônia francesa. O Imperador francês enviou para a colônia seu cunhado, Charles Leclerc, com a intenção declarada de depôr Louverture e com a intenção secreta de restaurar a escravidão na ilha. Leclerc desembarcou na fazenda a campanha da terra arrasada, queimando casas e engenhos, destruindo plantações e apresando animais. Em lugar de recorrer às guerrilhas, que lhe poderiam ser úteis na emergência, Toussaint cometeu o erro de concentrar suas tropas e oferecer combate ao inimigo em Ravinea-Couleuvres, onde foi derrotado pelo general francês Rochambeau. Refugiou-se no interior, em uma fazenda sua, que posteriormente foi atacada e vencida por tropas de Leclerc. Toussaint e sua família foram aprisionados e enviados para a França. Na prisão, em 1803, depois de um rigoroso inverno, Louverture faleceu de pneumonia. O general negro foi enterrado sem caixão, em uma caverna debaixo da capela da prisão.

Na ilha, o desaparecimento de Toussaint não levou à calma. A situação das tropas francesas foi piorando e a febre - mais do que a guerrilha - provocou baixas terríveis no corpo expedicionário. A aliança dos chefes



Biografias– Personalidades afrodescendentes

negros acelerou o desastre das tropas francesas, as quais acabaram por capitular. A morte de Toussaint provocou a união dos negros e mulatos e jamais os franceses tentaram retomar a colônia novamente.

Fontes de informação

AMES, C. L. R. Os jacobinos negros: Toussaint L'Ouverture e a revolução de São Domingos. São Paulo: Boitempo, 2010.

BLACKBURN, Robin. A quebra do escravismo colonial: 1776-1848. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 2002.

Toussaint-Louverture in Artigos de apoio Infopédia [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2018. [consult. 2018-09-28 19:00:54]. Disponível na Internet: [https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/\\$toussaint-louverture](https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/$toussaint-louverture)

Sugestão de atividade pedagógica

Tema: A Dignidade Humana.

Público-alvo:

Ensino Médio, Ensino Profissionalizante, EJA e Cursos Superiores.

Objetivos:

Analisar as diversas faces do preconceito e os conflitos étnico-raciais. Debater as condições da mulher negra escrava.

Didática

- Assistir ao filme A Cor Púrpura (cerca de 2h30 minutos).
- Organizar roda de conversa sobre o filme.
- Construir cartazes representando pontos centrais abordados no filme

Possibilidades de avaliação ou produção de resultados

Construir texto crítico e problematizador, analisando a condição da mulher negra escrava. Ao longo do desenvolvimento do texto, debater as dimensões éticas e políticas implicadas no processo de escravidão. Vislumbrar possibilidades de superação a partir dos direitos humanos. Articular o texto com densidade, coerência e coesão.

Biografias– Personalidades afrodescendentes

ANGELA YVONNE DAVIS

Nascimento - 26/01/1944 em Birmingham, Alabama, EUA.

Muito influente até hoje, a professora Angela Davis foi figura símbolo do ativismo negro nas décadas de 1960 e 1970 nos EUA. Nascida em Birmingham, Alabama, cresceu em um bairro de classe média conhecido como Dynamite Hill, em alusão aos frequentes atentados de caráter racista a que era submetida a comunidade. Em 1959, Angela recebeu uma bolsa de estudos em uma conceituada escola na cidade de Nova York. Em 1961, iniciou sua graduação em literatura francesa; em 1965, obteve uma bolsa de estudos para a Universidade de Goethe, em Frankfurt, onde se dedicou ao estudo da filosofia alemã; regressou aos Estados Unidos, em 1967, para encerrar sua pós-graduação na Universidade da Califórnia (San Diego) e passou a participar mais ativamente na luta anticapitalista e antirracista; em 1968, estava próxima do Partido dos Panteras Negras e do Partido Comunista Americano integrando o Coletivo Che-Lumumba. Por conta de sua associação com estas comunidades, Angela foi demitida do cargo de professora de filosofia da Universidade da Califórnia, em 1969, fato que impulsionou uma rede de apoio à intelectual, que se tornou cada vez mais ativa politicamente.

Nos primeiros anos da década de 1970, sua militância ganhou notoriedade na luta por reformas no sistema prisional e contra encarceramento em massa de negros e negras. Mais uma vez, o ativismo político de Angela a colocou na mira do Estado racista: Angela estudava um caso de três jovens negros, acusados de matarem um policial e, durante o julgamento, um dos jovens, armado, tomou o juiz como refém; o evento culminaria com



Palavras-chave:

feminismo; antirracismo; interseccionalidade; encarceramento em massa

Componentes curriculares afins

Filosofia; Sociologia; História.

Fontes de informação

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo, 2016,

_____. "As mulheres negras na construção de uma nova utopia. Disponível em (<https://www.geledes.org.br/asmulheres-negras-na-construcao-de-uma-nova-utopia-angela-davis/>)". (Acesso em 26/09/2018).

_____. "A prisão como fronteira: uma conversa sobre gênero, globalização e punição". In: *Revista de Estudos Feministas*, vol.11, no.2. Florianópolis, jul/dez 2003.



Biografias– Personalidades afrodescendentes



a morte dos três réus e do juiz. Angela foi implicada no crime e, tratada como uma terrorista de alta periculosidade, foi presa em 1971. A reação à sua prisão foi intensa e centenas de comitês pela libertação de Angela Davis criaram um verdadeiro movimento cultural por todo o país e mundo. Em 1972, depois de um ano e meio de encarceramento, o júri concluiu que ela era inocente.

Davis tornou-se uma das vozes mais importantes na luta contra o genocídio e o encarceramento em massa de negros e negras nos EUA. Angela é uma destacada intelectual que articula raça, gênero e classe em suas reflexões e prática política comprometidas com a emancipação humana.

Sugestão de atividade pedagógica

Tema: O que é interseccionalidade?

Público-alvo: Atividade apropriada para público adolescente, jovem e adulto. Ensino Médio, Ensino Profissionalizante, Ensino Superior, Licenciaturas, EJA.

Objetivos: Identificar o modo como opressões de gênero e raça articulam-se na reprodução das desigualdades; formular ações de promoção da igualdade racial e de gênero.

Materiais necessários: Projetor de slides/Datashow.

Métodos ou procedimentos de ação:

1. A proposta da atividade é sensibilizar o alunado para o tema das desigualdades acionadas



Biografias– Personalidades afrodescendentes

a partir da diferença: pensar de forma articulada classe, gênero e raça, como propõe Angela Davis, permite iluminar processos historicamente fundados de silenciamento e exclusão de determinados grupos.

2. Sugere-se que o/a professor/a divida a sala em grupos (4-5 pessoas); para cada grupo, apresentar preferencialmente um recorte do texto apresentado.

3. Após a discussão em grupos (20-30 minutos), sugere-se que a turma responda as questões elencadas abaixo:

3.1. A diferença produz desigualdades?

3.2. O que é opressão?

3.3. O que é desigualdade de classe?

3.4. O que é desigualdade racial?

3.5. O que é desigualdade de gênero?

3.6. Como tais opressões se articulam na realidade das relações sociais?

3. Texto:



São conhecidas as palavras proferidas por Sojourner Truth (1797-1883), mulher escravizada, que em 1851 na Convenção dos Direitos das Mulheres, realizada no estado norte-americano de Ohio, chamou a atenção para as inter-relações entre raça, gênero e classe a partir de sua experiência de mulher negra e escravizada:

“Aquele homem lá diz que uma mulher precisa ser ajudada ao entrar em carruagens, e levantada sobre as valas, e ficar nos melhores lugares onde quer que vá. Ninguém me ajuda em lugar nenhum! E eu não sou uma mulher? Olhem para mim! Olhem para o meu braço. Eu arei, eu plantei e eu recolhi tudo para os celeiros. E nenhum homem pode me auxiliar. E eu não sou uma mulher? Eu poderia trabalhar tanto e comer tanto quanto qualquer homem (...) e suportar o chicote tão bem quanto! E eu não sou uma mulher? Eu dei à luz a crianças e vi a maior parte delas ser vendida como escravas. E quando eu chorei com o sofrimento de uma mãe, ninguém além de Jesus me ouviu. E eu não sou uma mulher? [grifos meus]” .

As palavras de Truth, proferidas em meados do século XIX, compõem uma espécie de ancestralidade à qual Angela Davis se remete. Em “Mulher, Raça e Classe” (1ª edição em inglês: 1982), Davis faz um estudo elaborado sobre as condições da população negra nos Estados Unidos por um viés interseccional, ou seja, analisando como racismo, capitalismo e sexismo estruturam as relações gerando formas combinadas de opressão. Em diálogo com o marxismo e afinada com o ativismo antirracista e feminista, Davis nega uma leitura de opressão de classe que desconsidere o racismo e a opressão de gênero. Por meio da articulação das categorias raça, classe e gênero, Angela Davis consegue capturar de forma profunda e sofisticada as nuances das diferentes formas de opressão e



Biografias– Personalidades afrodescendentes

mostrar como elas agem e ainda constituem a sociedade norte-americana.

Os trechos abaixo iluminam o argumento de Angela Davis:

A- “Proporcionalmente, as mulheres negras sempre trabalharam mais fora de casa do que suas irmãs brancas. O enorme espaço que o trabalho ocupa na vida das mulheres negras da atualidade reproduz um padrão estabelecido durante os primeiros anos da escravidão. Como escravas, o trabalho compulsório ofuscava todos os outros aspectos da existência dessas mulheres. Aparentemente, portanto, o ponto de partida de qualquer exploração da vida das mulheres negras na escravidão seria uma valorização de seu papel como trabalhadoras.

O sistema escravista definia o povo negro como propriedade. Já que as mulheres, não menos do que os homens, eram vistas como unidades de trabalho lucrativas, para os proprietários de escravos, elas poderiam ser desprovidas de gênero. Nas palavras de um intelectual, “a mulher escrava era, antes de tudo, uma trabalhadora em tempo integral para seu proprietário, e apenas ocasionalmente esposa, mãe e dona de casa”. A julgar pela crescente

ideologia da feminilidade do século XIX, que enfatizava o papel das mulheres como mães protetoras, parceiras e donas de casa amáveis com seus maridos, as mulheres negras eram, praticamente, anomalias.”

Davis, Angela apud Ribeiro, Djamila. “A utopia de Angela Davis”. Disponível em Blog da Boitempo (<https://blogdaboitempo.com.br/2016/06/09/a-utopiade-angela-davis/>). Acesso em 26/09/2018.

B- “As organizações de esquerda têm argumentado dentro de uma visão marxista e ortodoxa que a classe é a coisa mais importante. Claro que classe é importante. É preciso compreender que classe informa a raça. Mas raça, também, informa a classe. E gênero informa a classe. Raça é a maneira como a classe é vivida. Da mesma forma que gênero é a maneira como a raça é vivida.

A gente precisa refletir bastante para perceber as intersecções entre raça, classe e gênero, de forma a perceber que entre essas categorias existem relações que são mutuas e outras que são cruzadas. Ninguém pode assumir a primazia de uma categoria sobre as outras.”

Davis, Angela apud Ribeiro, Djamila. “A utopia de Angela Davis”. Disponível em Blog da Boitempo. (<https://blogdaboitempo.com.br/2016/06/09/a-utopiade-angela-davis/>). Acesso em 26/09/2018.

Possibilidades de avaliação ou produção de resultados: na aula seguinte ao debate, convidar os estudantes a produzir um poema a respeito do tema trabalhado.

Ademais, o mediador pode incitar uma discussão sobre a democracia racial no sentido levar os estudantes a pensarem que tal perspectiva constitui-se como barreira a discussão do racismo na sociedade brasileira.

O professor pode instigar os estudantes, também, a trazerem relatos sobre a vivência dos estudantes negros que passam por situações de discriminação para contribuir na discussão. Tais relatos podem



Biografias– Personalidades afrodescendentes

ser conseguidos em pesquisas acadêmicas, livros sobre o assunto, redes sociais, notícias ou até mesmo a própria vivência do estudante.

É importante que os professores em formação reflitam sobre o impacto do racismo na trajetória educativa da criança e do adolescente. E possam compreender o seu papel enquanto educador.

Possibilidades de avaliação ou produção de resultados:

A proposta avaliativa pode ser conduzida visando que os estudantes pensem sobre como a escola e os educadores podem construir uma educação antirracista.

A turma pode ser dividida em grupos para aprofundamento de alguns temas como:

- Pesquisar sobre a ideologia racista contida nos livros didáticos e outros materiais pedagógicos e pensar as alternativas que devem ser construídas no interior da escola para a construção de novas representações;
- Pesquisar sobre a Lei 10.639/03 e 11.645/08, ou seja, a inserção da temática africana, afro-brasileira e indígena no currículo escolar. Como construir e acompanhar esta proposta no espaço educativo?;
- Pesquisar sobre como o racismo afeta psicologicamente suas vítimas. Como a escola pode promover um ambiente acolhedor ao estudante negro? Quais ações a escola pode organizar para prevenir atitudes racistas, ou atitudes passivas, de conivência com a discriminação racial.

Tendo em vista que tais temas são complexos, não devemos ter a pretensão de esgotá-los, mas a possibilidade de reflexão, pesquisa e produção de conhecimento sobre o assunto enriquecerá a formação inicial destes estudantes. Sugerimos, portanto a produção de textos, que podem ser coletivos, sobre os assuntos supracitados ou outros que o grupo entender ser pertinente.

Palavras-chave:

Conflito étnico-racial; preconceito, juventude, movimento negro nos Estados Unidos, rebeldia.

Público alvo

Ensino Superior, Ensino Médio, Ensino Profissionalizante, EJA.

Filme adequado para maiores de 14 anos.

Componentes curriculares afins

Filosofia, Sociologia, História, Geografia, Linguagens e temas transversais como relações étnico-raciais.



Biografias– Personalidades afrodescendentes

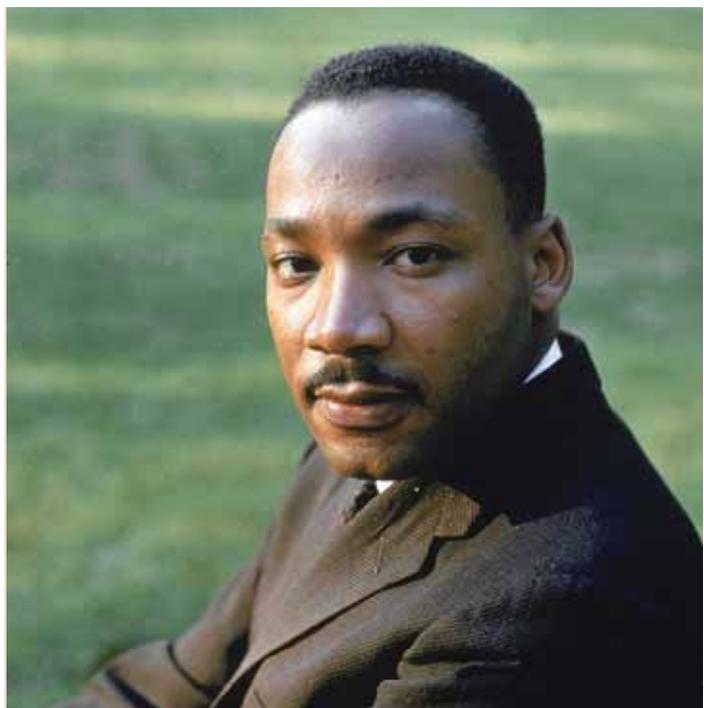
MARTIN LUTHER KING JR.

Nasceu em 15/01/1929 em Atlanta (Georgia,EUA)

e foi assassinado em 04/04/1968 em Memphis (Tennessee, EUA).

Martin Luther King Jr. (1929-1968) foi um pastor protestante negro e ativista político estadunidense. É um dos nomes mais importantes do movimento dos direitos civis dos negros, não somente nos Estados Unidos, mas no mundo todo. Em um período de 13 anos de liderança, de 1955 a 1968, foi uma voz marcante pela campanha de não-violência na busca de igualdade racial e social em seu país.

Inspirado pela fé cristã e pelos ensinamentos de Mahatma Gandhi, fez uso da palavra escrita e falada, defendendo atos de resistência não-violenta como forma de atingir objetivos que pareciam, até então, inatingíveis. Liderou, em 1955, o boicote aos ônibus da cidade de Montgomery (estado do Alabama), cujo objetivo era acabar com a segregação nesse meio de transporte; ajudou a fundar em 1957 a Conferência da Liderança Cristã do Sul (SCLC), organização dedicada à defesa dos direitos civis dos afro-americanos; liderou uma coalizão de grupos que defendiam os direitos humanos em Alabama, em 1963, quando acabou preso e escreveu a “Carta de uma prisão em Birmingham”; no mesmo ano, participou da Marcha sobre Washington, quando fez seu discurso “Eu tenho um sonho”; em 1964, recebeu o Prêmio Nobel da Paz pelo combate à desigualdade racial através da não-violência; em 1965, participou da marcha pelo direito do voto aos cidadãos negros, que percorreu a distância entre as cidades de Selma e Montgomery; defendeu também



Palavras-chave:

Martin Luther King Jr.; ativismo negro; direitos humanos; não-violência.

Componentes curriculares afins

Língua Portuguesa, Língua Inglesa, Sociologia, Filosofia e História.

Fontes de informação:

KING JR., Martin Luther. Carta de uma prisão em Birmingham. Birmingham. 1963. Tradução publicada pela Secretaria da Reparação. Prefeitura de Salvador, Salvador, BA. Disponível em: <<http://www.reparacao.salvador.ba.gov.br/index.php/noticias/822-sp-1745380961>>. Acesso em: 25 set. 2018.

_____. Letter from a Birmingham Jail. Aula sobre Artes e Humanidades – Governo Americano e Política. Khan Academy. Disponível em: <<https://www.khanacademy.org/humanities/ap-us-government-and-politics/civil-liberties-and-civil-rights/social-movements-equal-protection/v/letter-from-a-birmingham-jail>>.

OLIVEIRA, Dennis de. 50 anos da morte de Martin Luther King. Jornal da USP. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/artigos/50-anos-da-morte-de-martin-luther-king-jr/>>. Acesso em: 25 set. 2018.

SELMA - Uma luta pela igualdade. Direção: Ava DuVernay. Califórnia, EUA: Paramount Pictures, 2014. 1 DVD (128 min), color.

THE KING CENTER. Centro da mudança social não violenta Martin Luther King Jr. Disponível em: <<http://www.thekingcenter.org/>>. Acesso em: 25 set. 2018.

_____. The King Philosophy. Disponível em: <<http://www.thekingcenter.org/king-philosophy>>. Acesso em: 25 set. 2018.



Biografias– Personalidades afrodescendentes

a justiça econômica em seu país e posicionou-se contra a Guerra do Vietnam. Sua liderança e suas ações resultaram em mudanças na legislação dos EUA.

Foi assassinado em 1968, em Memphis, Tennessee.

Recebeu postumamente as seguintes honrarias: a Medalha Presidencial da Liberdade (1977) e a Medalha de Ouro do Congresso (2004). O Dia de Martin Luther King Jr. foi estabelecido como um feriado federal dos EUA em 1986, sendo celebrado na terceira segunda-feira do mês de janeiro.

Sugestão de atividade pedagógica

Tema: Ativismo e Não-Violência

Público-alvo: Atividade apropriada para público adolescente, jovem e adulto. Ensino Médio, Ensino Profissionalizante, Ensino Superior, Licenciaturas, EJA.

Objetivos: Problematizar relações estabelecidas com os negros; observar o ativismo não violento como promotor de mudanças; compreender o histórico de desigualdades sociais e violências raciais estabelecer pontes com a situação brasileira.

Materiais necessários: Texto preparado para leitura (projeção ou xerox) – escolher entre a tradução da Carta de uma prisão em Birmingham (em português) ou The King Philosophy (em inglês).

Métodos ou procedimentos de ação:

Propõe-se:

- 1.Introduzir o tema das relações estabelecidas entre as populações brancas e negras, problematizando as relações de poder existentes.
- 2.Em uma breve conversa, discuta com a turma o que conhecem sobre as condições de vida nos Estados Unidos: a escravidão negra; a desigualdade racial; os momentos de resistência; os problemas que o preconceito suscita nas relações sociais; o papel das lideranças negras.
- 3.Apresentar o ativista Martin Luther King Jr., sua pequena biografia, mostrando os espaços em que atuou. Escolher um vídeo para apresentá-lo ou apenas projetar uma imagem sua, enquanto se lê sua biografia. Discutir se a sua biografia confirma aquilo que se discutiu no item 2.
- 4.Lembrar que esse homem tem vasta produção escrita. Neste encontro será lido um texto ou um trecho dos seus textos, por exemplo, a tradução da Carta de uma prisão em Birmingham (em português) ou The King Philosophy (em inglês). Pode ser visto o filme Selma - Uma luta pela igualdade. Ver o filme ou distribuir cópias do texto escolhido e fazer a leitura silenciosa, com a seguinte tarefa: registrar seus pensamentos ou prestar atenção aos seus pensamentos durante a leitura do texto ou enquanto vê o filme.
- 5.Promover um debate coletivo, problematizando os aspectos sociais e históricos que se apresentam



Biografias– Personalidades afrodescendentes

no texto (ou no filme). Observar a atualidade das discussões trazidas pelo material, inclusive na relação com as situações vivenciadas pelas pessoas negras no Brasil.

Possibilidades de avaliação ou produção de resultados:

A avaliação vai depender do peso possível da atividade na composição do trabalho realizado no componente curricular. Sugere-se: escrita livre – qualquer gênero textual – dialogando com o que se discutiu nesse encontro (exemplos: carta imaginária ao ativista negro; poema retomando o tema; poema dialogando com o tema; dissertação)





Biografias– Personalidades afrodescendentes

NEUSA SANTOS SOUZA

Nasceu em data não informada, na Bahia –
Faleceu em 20/12/2008 no Rio de Janeiro.

Atuação pelos direitos da população negra ou indígena:

Neusa era uma psicanalista lacaniana, negra baiana que, contrariando as estatísticas, estudou Medicina e Psicanálise, estabelecendo-se no Rio de Janeiro, onde convivia com intelectuais e dava uma importante contribuição na luta contra a discriminação racial.

Neusa escreveu o livro *Tornar-se Negro*, prestando uma grande contribuição à área das relações raciais. A obra traz o estudo da autora sobre a vida emocional dos negros, com reflexões sobre o custo emocional da negação da própria cultura e do próprio corpo. No livro, a autora mostra a rejeição do negro por seu aspecto exterior e explica que é necessário um raro grau de consciência para que esse quadro se inverta. Quando isso acontece, a cor e o corpo do negro são sentidos como valor de beleza. A obra de Neusa Santos Souza é considerada a primeira referência do Brasil sobre a questão racial na psicologia.



Palavras-chave:

autoestima negra; psicanálise; consciência negra; antirracismo.

Componentes curriculares afins

Língua Portuguesa, Matemática, Filosofia e Sociologia.

Fontes de informação

SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983. Disponível em: <https://psicanalisedpolitica.files.wordpress.com/2014/10/tornar-se-negro-neusa-santos-souza.pdf>. Acesso em: 02/10/2018.

SANTANA, Bianca. *Quando me descobri negra*. São Paulo: Ed. Sesi, 2015. Trecho gratuito da obra disponível em: <https://azmina.com.br/reportagens/quando-me-descobri-negra/>. Acesso em: 02/10/2018.



Biografias– Personalidades afrodescendentes

Sugestão de atividade pedagógica

Tema: Descobrimos a diversidade.

Público-alvo: Atividade apropriada público adolescente e adulto. Ensino Médio, Ensino Profissionalizante, Ensino Superior, Licenciaturas, EJA.

Objetivos: Identificar a diversidade étnico-racial na sala de aula e na escola; reconhecer que o pertencimento a grupos não-brancos pode levar a vivências de exclusão e negação; valorizar as características étnico-raciais que tradicionalmente são rejeitadas pela sociedade e pelos indivíduos.

Materiais necessários: projetor de imagens; cartolinas e canetas coloridas.

Métodos ou procedimentos de ação:

- Fazer um levantamento da autoidentificação étnico-racial da turma, com base nos critérios oficiais do IBGE. Esse levantamento pode ser feito por meio de perguntas simples como: “quem se considera branco/a por favor levante a mão”. O mesmo deverá ser feito para as demais categorias: preto, pardo, indígena e amarelo.

- A autoidentificação deve ser aceita tal qual o desejo de cada estudante, sem qualquer interferência ou correção por parte do professor/a.

- Anotar na lousa os resultados levantados. Se possível, fazer um cálculo da porcentagem de cada grupo étnico na turma. Por exemplo: 40% pessoas brancas, 30% pardas, 10% pretas, e assim sucessivamente. O professor deverá registrar esses dados também em seu caderno de atividades.

- Exibir no projetor a foto da doutora Neusa Santos Souza juntamente com o seguinte trecho de seu livro Tornar-se Negra:

“A descoberta de ser negra é mais que a constatação do óbvio. (...) Saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas. Mas é também, e sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades.” (p. 17-8.”

- Fazer a leitura do trecho, esclarecendo o vocabulário das palavras desconhecidas pela turma.

- Debater com a turma o sentido do texto, no qual a negritude não está relacionada somente à cor da pele, mas a um conjunto de experiências sociais que por vezes escancaram e por vezes ocultam a negritude da identidade pessoal.

- Recomenda-se àquele/a que conduz a atividade que evite direcionar o debate somente aos estudantes que se autodeclararam pretos ou pardos. É fundamental todos os estudantes sejam parte da conversa.

Possibilidades de avaliação ou produção de resultados: na aula seguinte ao debate, convidar os estudantes a se dividirem em grupos de aproximadamente 5 pessoas, independentemente da autoidentificação expressa na aula anterior.

Após a formação dos grupos, exibir no projetor a imagem da escritora Bianca Santana:



Biografias– Personalidades afrodescendentes



Perguntar aos estudantes em qual das categorias étnico-raciais do IBGE eles encaixariam a escritora: branca, preta, parda, amarela ou indígena.

Anotar na lousa os resultados do levantamento.

Distribuir para cada grupo cópias do texto de Bianca Santana mencionado acima, no item “Fontes de Informação” (link gratuito).

O texto deverá ser lido por todos os grupos e discutido internamente. O professor/a deverá circular entre os grupos esclarecendo dúvidas de vocabulário e compreensão de texto.

O tema central da discussão deverá partir da frase inicial do texto da autora: “Tenho 30 anos, mas sou negra há apenas dez. Antes, era morena”.

Após a discussão interna dos grupos, o professor/a poderá perguntar novamente à turma em qual categoria étnico-racial eles colocariam a autora. O professor/a deverá ter atenção sobre as possíveis mudanças de classificação, trazendo aos estudantes a importância de se reconhecer como negra tal qual descrita no texto de Santana.

Para finalizar a atividade, realizar um novo levantamento de autoidentificação entre os estudantes da turma, anotando os resultados na lousa. Possivelmente serão observadas diferenças nos dados em comparação com aqueles levantados na aula anterior, as quais deverão ser acolhidas pelo professor/a sem ressalvas.

Cada turma poderá produzir cartazes comparando os dados iniciais e finais da autoidentificação étnico racial, expondo nos corredores da escola como estratégia de continuidade da discussão entre as turmas. Nesta produção, é interessante a colaboração da área de Matemática para a construção de tabelas ou gráficos.



Biografias– Personalidades afrodescendentes

CLÓVIS MOURA

Nasceu em 1925, Amarante, Piauí.

Faleceu em 2003, São Paulo.

Atuação pelos direitos da população negra:

Clóvis Steiger de Assis Moura nasceu em 1925, em Amarante, no Piauí. Ingressou no PCB nos anos 1940, trabalhando como jornalista na Bahia e São Paulo. Foi um dos raros intelectuais que acompanhou o PCdoB na ruptura de 1962. Nos anos 1970, destacou-se pela militância junto ao movimento negro brasileiro. Clóvis Moura produziu importante obra sociológica, histórica e poética.

Nos últimos anos, comunista sem partido, colaborou com o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), produzindo ensaios para a Editora Expressão Popular. Faleceu, em fins de dezembro, em São Paulo, aos 78 anos. Em 2003, passara longos meses internado devido a câncer na garganta. Intelectual marxista consequente, apaixonado pela vida, a sua e a dos outros, destacou-se pela retidão, perseverança e bom humor desbocado. Deixa saudades entre os que o conheceram pessoalmente ou através de sua obra.

“Clóvis Moura é um cientista social brilhante e disciplinado que sempre correu por fora da academia – solto, livre, nas franjas da interdisciplinaridade –, ainda que a academia brasileira tenha constantemente solicitado a sua presença em eventos, conferências, seminários e, especialmente, em exames de teses na qualidade de professor “notório saber”, título que há anos lhe foi outorgado pela Universidade de São Paulo. E, assim, trabalhando nessa nesga não-institucional, onde as costumeiras dificuldades de



Palavras-chave:

Consciência Negra; Desigualdade Social; História da África; Apartheid.

Componentes curriculares afins

Artes; Geografia; Filosofia; Sociologia; História; Língua Portuguesa.

Fontes de informação

Grupo de trabalho Clóvis Moura. Disponível em: <http://www.gtclovismoura.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=57>. acesso em 01 de novembro de 2018.

Moura, Clóvis. Rebeliões da senzala - quilombos, insurreições, guerrilhas. Mercado Aberto, Porto Alegre, 1988 (1a edição: 1959)

-----, O negro: de bom escravo a mau cidadão?, Editora Conquista, RJ, 1977

-----, Os quilombos e a rebelião negra, Brasiliense, SP, 1981



Biografias– Personalidades afrodescendentes

pesquisador aumentam, consideravelmente, Clóvis Moura foi construindo, ele com ele, nos recantos de sua rica biblioteca, vasta e notável obra – histórica e sociológica – sobre a saga heroica do negro-escravo e do negro-quase-cidadão na sociedade nacional. Todos os estudiosos da questão racial brasileira estão familiarizados com seus livros, cujos títulos constam obrigatoriamente das bibliografias dos estudos que vão surgindo, por se constituírem em referências indispensáveis às reflexões científicas sobre essa temática a um só tempo tão apaixonada e tão apaixonante”.

Sugestão de atividade pedagógica

Materiais necessários: Matérias de jornal e/ou textos impressos de Clóvis Moura;

Métodos ou procedimentos de ação:

- Se possível, dispor a sala em círculo para estimular o debate e as reflexões pelos alunos.

-A partir da leitura de uma das obras ou de trechos de obras de Clóvis Moura, propor aos estudantes um debate sobre como sua vida e obra se debruçaram sobre os seguintes temas:

- Escravidão
- História;
- Insurreições;
- Negro.

- Ainda a partir da leitura de trechos de obras de Clóvis Moura ou de obras completas, discuta com os alunos, proponha uma reflexão entre eles e analise, com base no livro didático utilizado pelos próprios alunos, como o negro é retratado nesses materiais.

- Os negros são retratados, em que posições, nesses livros dos dias de hoje?
- Como eram retratados historicamente?

Possibilidades de avaliação ou produção de resultados:

Observar durante o desenvolvimento das atividades como os alunos interagiram com as proposições da aula.

Biografias– Personalidades afrodescendentes

DOMINGOS PASSOS.

Nasceu no fim do século XIX no Rio de Janeiro. Data do falecimento desconhecida.

Domingos Passos foi um importante militante do anarcossindicalismo brasileiro, no início do século XX. Natural do Rio de Janeiro, filho de escravos libertos, Domingos exerceu a profissão de carpinteiro. Pouco se sabe de sua infância e juventude. Entrou em contato com o anarquismo ao envolver-se nas atividades sindicais dos trabalhadores da construção civil, atuando na União dos Operários da Construção Civil, combativo sindicato da época. No movimento sindical destacou-se pela suas capacidades oratórias e pujante atividade política. Foi um dos responsáveis pelo alastramento da greve geral de 1917, de São Paulo para o Rio de Janeiro e liderou a grande greve da construção civil, em 1919, a qual logrou conquistar o direito das 8 horas de trabalho para a categoria. Participou ainda, como representante dos trabalhadores, no legendário Congresso Operário Brasileiro de 1920, na qual foi eleito como secretário. Segundo Pedro Catallo, outra legendária figura do anarquismo, Passos era: “dono de uma oratória suave, envolvente e agressiva o mesmo tempo, multiplicava a afluência aos comícios, desejosa de ouvi-lo falar. Depois, raramente chegava ao seu domicílio porque a polícia cercava-o no caminho e levava-o para o xadrez, onde repousava de quinze a trinta dias por vez”.

Domingos Passos, personagem notória do sindicalismo carioca, sofreu ao longo de sua trajetória diversas prisões arbitrárias. Passos era um dos principais alvos da repressão política e social. Durante os anos truculentos da Presidência de Arthur Bernardes, o



Palavras-chave:

anarquismo; sindicalismo; repressão; movimento operário.

Componentes curriculares afins:

História, Sociologia e Filosofia.

Fontes de informação:

Dulles, John W. F. (1980). *Anarquistas e Comunistas no Brasil, 1900-1935*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira

Samis, Alexandre (2004). «Pavilhão negro sobre pátria oliva: sindicalismo e anarquismo no Brasil». In: Colombo, Eduardo (org.). *História do Movimento Operário Revolucionário*. São Paulo: Imaginário. pp. 125–189

Samis, Alexandre (2007). «Presenças indômitas: José Oiticica e Domingos Passos». In: Ferreira, Jorge & Reis, Daniel Aarão (org.). *As esquerdas no Brasil, vol. 1. A formação das tradições (1889-1945)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. pp. 91–111.



Biografias– Personalidades afrodescendentes

ativo militante foi enviado para a famigerada Colônia Penal de Clevelândia, no Amapá, na qual os militantes e demais marginalizados eram enviados para morrer à mingua. Passos foi um dos poucos sobreviventes deste campo de concentração tropical, logrando fugir para a Guiana. Embora sobrevivente e retomando a atividade sindical, Passos jamais conseguiu se recuperar totalmente do impaludismo contraído desta traumática experiência.

Em 1927, Passos mudou para São Paulo tomando posição ativa na reconstrução da anárquica Federação Operária de São Paulo (FOSP), cujas atividades haviam sido encerradas pela dura repressão do período bernardista. Neste ano, foi novamente encarcerado em terras paulistas. Ainda segundo Pedro Catallo, por ordem do delegado Hibrain Nobre, Passos foi deixado incomunicável por mais de três meses em um cubículo de 2 m² da “Bastilha do Cambuci”, escuro e sem janelas, recebendo alimentação apenas uma vez por dia. Ao ser retirado da cela imunda, tinha o corpo coberto de feridas e vestia apenas trapos. Foi embarcado em um trem e enviado para morrer nas matas da região de Sengés, no interior ainda selvagem do Estado do Paraná. Algum tempo depois, conseguiu abrigo neste povoado e pôde escrever para os camaradas de São Paulo solicitando dinheiro, que foi-lhe levado em mãos por um emissário. Foi neste período que o militante conhecido como “Bakunin brasileiro” nos meios sindicais encerrou suas atividades, desconhecendo se sobreviveu, ou não, às sequelas destas últimas violências perpetradas pela polícia paulista.

Sugestão de atividade pedagógica

Tema: Domingos Passos: anarquismo e movimento operário

Público-alvo: Para todos os públicos, sobretudo para alunos do ensino Fundamental II e Ensino médio.

Objetivos: Estudar o processo de industrialização brasileira, observando o papel das classes populares e das minorias políticas.

Materiais necessários: data-show, lousa e giz.

Métodos ou procedimentos de ação: Aula expositiva e dialogada sobre o processo de formação das indústria e dos sindicatos livres no começo do século XX, exposição da biografia e demais peculiaridades da trajetória do militante Domingos Passos.

Possibilidades de avaliação ou produção de resultados: na aula seguinte ao debate, convidar os estudantes a produzir um texto sobre o estudado.



Biografias– Personalidades afrodescendentes

CAROLINA DE JESUS

Nasceu em 14/03/1914 em Sacramento, Minas Gerais, Brasil.

Faleceu em 13 de fevereiro de 1977.

Carolina Maria de Jesus (1914-1977). Mulher negra, favelada, semianalfabeta e escritora. Nasceu em Minas Gerais e ainda na sua infância migrou para São Paulo. Saiu da invisibilidade através do seu livro mais famoso Quarto de Despejo, que foi escrito a partir de suas vivências na favela do Canindé, São Paulo. A obra já foi traduzida para 29 idiomas. No decorrer de sua vida escreveu mais três livros: Casa de Alvenária, Pedços da Fome e Provérbios.

Ao lermos a obra de Carolina, percebemos uma luta política. Através das palavras a autora denunciou o racismo, a desigualdade social, o machismo, a corrupção e a vida nas favelas. A escritora organizou seus escritos em forma de diário. A pesquisadora Fernandez (2018) chama a atenção para a forma como Carolina escreve e a denomina: “escrita carolineana” (FERNANDEZ, p. 9, 2018). Pensar a forma como a autora redigia é ir além do que a estrutura da língua portuguesa rege, pois apesar de encontrarmos erros ortográficos em suas produções, já que a escritora estudou até a segunda série do Ensino Fundamental I, vemos engenhosidade em seus escritos. Ler a escritora, é antes de tudo, deparar-se com duas realidades: a de quem é pobre e a de quem é rico. Em seu livro Quarto de Despejo ela esmiúça, também, como é a vida do negro e pobre na cidade de São Paulo, e ao adentrarmos em sua produção é possível ver como é a vida de uma mulher negra, solteira e pobre na favela.



Palavras-chave: Carolina de Jesus; mulher negra; escritora; São Paulo

Componentes curriculares afins

Filosofia; Geografia; História; Sociologia.

Fontes de informação:

FERNANDEZ, Raffaella (org). Meu sonho é escrever... contos inéditos e outros escritos/Carolina Maria de Jesus. 1 eda. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2018.

JESUS, Carolina Maria. Quarto de despejo: diário de uma favelada. São Paulo: Círculo do Livro S.A, 1960.



Biografias– Personalidades afrodescendentes



Sugestão de atividade pedagógica

Tema: Uma Cidade Desigual Sobre o Olhar de Carolina de Jesus

Público-alvo: Atividade apropriada para público adolescente, jovem e adulto. Ensino Médio, Ensino Profissionalizante, Ensino Superior, Licenciaturas, EJA.

Objetivos:

- Compreender as desigualdades sociais;
- Entender como o racismo aloca as pessoas para determinados espaços;
- O que é um corpo negro na Cidade de São Paulo;
- Estabelecer uma relação entre rico/pobre e aniquilar o senso comum de que “todos somos iguais”.

Materiais necessários: sulfite, cola, tesoura e projetor de slides/Data Show.

Métodos ou procedimentos de ação: Em sua obra a escritora denuncia a desigualdade social e a partir de um olhar político e poético classifica São Paulo. A atividade será desenvolvida da seguinte maneira:

1-Exibir um vídeo sobre a escritora para apresentá-la, disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=FCaKbiEvLVk>

2-Depois a exibição de apresentação o (a) professor (a) irá distribuir (impresso) um trecho do livro Quarto de Despejo, nesse trecho Carolina classifica São Paulo.



Biografias– Personalidades afrodescendentes

Eu classifico São Paulo assim: O Palácio é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a Favela é o quintal onde jogam os lixos. (JESUS, 1960. p.27).

Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos, almofadas de citim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de usos, digno de estar num quarto de despejo. (JESUS, 1960, p.31).

3-Após a leitura e interpretação o (a) professor (a) deverá promover um debate coletivo na sala de aula para identificar quais os principais pontos que Carolina esmiúça nos trechos acima. Para uma melhor produção do debate o (a) professor (a) deverá levar em conta as seguintes categorias de análise: raça e classe.

Possibilidades de avaliação ou produção de resultados:

A avaliação será dada a partir da produção de um texto explicando como a produção de Carolina é importante para compreender as desigualdades, levando em conta raça/classe e quais os possíveis métodos para romper com as desigualdades em nosso país. É importante direcionar os (as) educandos (as) para perceberem o olhar geográfico que a escritora teve em comparar São Paulo com uma casa em um bairro nobre.



Biografias– Personalidades afrodescendentes

MARIAMA BÂ

Nasceu em 19/04/1929 em Dakar

Faleceu em 17/08/1981 em Dakar.

Professora e escritora senegalesa, Mariama Bâ, autora de *Un si longue lettre* [A minha carta mais longa] que recebeu o primeiro Prêmio Noma para publicar na África, em 1980. O romance versa sobre as confidências de uma viúva senegalesa, Ramatoulaye, à sua melhor amiga, Aissatou, divorciada, que deixou o seu país. Entre a resignação e a vontade de mudar a sua vida, o leitor percebe a condição feminina na África, em especial a injustiça e as adversidades da poligamia. Na obra é possível notar uma crítica acerca do sistema de castas e à inferiorização na qual a mulher é submetida nos âmbitos social e familiar. Esta produção tem um impacto real no campo da literatura africana francófona, mas também na literatura internacional, pois é traduzida em 17 idiomas.

Mariama Bâ era proveniente de uma família abastada, seu pai tornou-se Ministro da Saúde no momento em que Senegal se tornava independente. Após a morte de sua mãe, passou a ser criada pelos avós maternos que, por sua vez, não acreditavam que uma mulher deveria ser instruída. Apesar das objeções, finalmente a enviaram para uma escola corânica, onde se tornou uma aluna notável. Nos exames finais, ganhou o primeiro lugar, feito que a levou ser admitida na Escola Normal de Rufisque. Durante esse período, Mariama Bâ começou sua carreira de escritora ao publicar um ensaio sobre a educação colonial no Senegal. Quando terminou os estudos, em 1947, estrou-se na carreira professoral, na qual permaneceu por doze anos. Posteriormente, por motivos de saúde, teve que deixar a atividade docente e foi nomeada Supervisora Regional de Ensino. Foi casada com o político Obèye Diop com o qual viria a ter 9 filhos e do qual se divorciaria anos mais tarde.

O segundo romance escrito por Mariama Bâ, *Un Chant écarlate* [Canto escarlate] foi



Palavras-chave:

direitos da mulher; educação; publicação; engajamento feminino.

Componentes curriculares afins:

Filosofia; Sociologia; História; Língua Portuguesa.

Fontes de informação:

Bâ, Mariama 1929-1981. *Lire les femmes écrivains et les littératures africaines*. *aflit.arts.uwa.edu.au*. 27 Sep. 2018 <<http://aflit.arts.uwa.edu.au/BaMariamaEng.html>>

Bâ, Mariama 1929-1981. *África y España, cada vez más cerca*. *Casafrica.es*. 1 Oct. 2018 <<http://www.casafrica.es/po/detalle-who-is-who.jsp%3FPROID=70620.html>>

Bâ, Mariama 1929-1981. *Contemporary Black Biography*. *Encyclopedia.com*. 7 Oct. 2018 <<http://www.encyclopedia.com>>

Mariama Bâ in *Artigos de apoio Infopédia [em linha]*. Porto: Porto Editora, 2003-2018. [consult. 2018-10-07 21:44:59]. Disponível na Internet: [https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/\\$mariama-ba](https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/$mariama-ba)



Biografias– Personalidades afrodescendentes

publicado em 1981. Fomentou a educação e os direitos da mulher por meio de campanhas, discursos e artigos de imprensa. Se autodeclarava “mulher muçulmana moderna”. Faleceu em 1981, um ano após a publicação do seu primeiro romance e às vésperas da publicação do sua segunda obra literária.

Sugestão de atividade pedagógica

Tema: Mulheres na literatura

Público-alvo: Atividade apropriada para público adolescente, jovem e adulto. Ensino Médio, Ensino Profissionalizante, Ensino Superior, Licenciaturas e EJA.

Objetivos: Incentivar às mulheres a produzirem literatura; conhecer autoras africanas; desincentivar o sexismo e aumentar a autoestima das estudantes negras.

Materiais necessários: Projetor de imagens, acesso à internet e trechos da obra *Un si longue lettre* [A minha carta mais longa].

Métodos ou procedimentos de ação:

- Apresentar a biografia de Mariama Bâ e os trechos da obra *Un si longue lettre* [A minha carta mais longa];

Trechos da obra:

a) “É o momento temido por toda senegalesa, aquele no qual ela sacrifica seus bens para dar de presente à família do esposo e, pior ainda, além dos bens, ela tem sua personalidade e sua dignidade retiradas, se tornando um objeto ao serviço do homem que a esposa, do avô, da avó, do pai, da mãe, do irmão, da irmã, do tio, da tia, dos primos, das primas e dos amigos deste homem. Sua conduta está condicionada: uma cunhada não toca a cabeça de uma esposa que foi avarenta, infiel ou que não foi hospitaleira.”

b) “E dizer que amei apaixonadamente este homem, dizer lhe consagrei trinta anos de minha vida, dizer que carreguei doze vezes um filho seu. O acréscimo de uma rival na minha vida não foi suficiente para ele. Amando uma outra ele queimou seu passado moralmente e materialmente, ele ousou tal ato de rejeição... E no entanto. E no entanto o que não fez ele para que eu me tornasse sua mulher!”

c) “Pois, primeiras pioneiras da promoção da mulher africana, nós éramos pouco numerosas. Os homens nos taxavam de desmioladas. Outros nos designavam de diabas. Mas muitos queriam muito nos possuir. Quantos sonhos tínhamos alimentado desesperadamente, sonhos que poderiam ter se concretizado em felicidade durável e que nós desapontamos para abraçar outros que lamentavelmente estouraram como bola de sabão, nos deixando de mãos vazias?”

d) “Nos tirar do atoleiro das tradições, superstições e costumes; nos fazer apreciar múltiplas civilizações sem renegar a nossa, elevar nossa visão de mundo, cultivar nossa personalidade, reforçar nossas qualidades, reprimir nossos defeitos; fazer frutificar em nós os valores da moral universal; eis aí a tarefa que admirável diretora se atribuiu. A palavra “amar” tinha uma ressonância particular nela. Ela nos amou sem paternalismo, com nossas tranças em pé ou dobradas, com nossas camisolas, nossos pagnes. Ela soube descobrir e apreciar nossas qualidades.”

e) “Todo trabalho, intelectual ou manual, merece consideração, quer requeira penoso esforço físico ou da destreza, conhecimentos extensos ou paciência de formiga. O nosso, assim como o do médico, não admite o erro. Não se brinca com a vida, e a vida é, ao mesmo tempo, o



Biografias– Personalidades afrodescendentes

corpo e o espírito. Deformar uma alma é tão sacrilégio quanto um assassinato. Os professores – tanto os do maternal quanto os da universidade – formam um exército nobre com façanhas quotidianas, jamais cantadas, jamais condecoradas. Exército sempre em marcha, sempre vigilante. Exército sem tambor, sem uniforme brilhante. Esse exército, superando armadilhas e emboscadas, finca por toda a parte a bandeira do saber e da virtude.”

- Em seguida, propor um debate para discutir os principais temas abordados na obra *Un si longue lettre* [A minha carta mais longa], por exemplo, situação da mulher oprimida por sua cultura, poligamia, divórcio, feminismo, etc.

- Após o debate, orientar o grupo a acessar a página: <http://blogueirasnegras.org> para conhecer poesias compostas por mulheres negras.

Possibilidades de avaliação ou produção de resultados: na aula seguinte ao debate, convidar os estudantes a produzirem um poema a respeito dos temas trabalhados.

Biografias– Personalidades afrodescendentes

PETRONILHA BEATRIZ GONÇALVES E SILVA

Nasceu em 1942 em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, Brasil.

Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva é professora emérita da Universidade Federal de São Carlos e pesquisadora do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros da mesma instituição. Graduou-se em 1964 em Português Francês pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Conclui o mestrado em Educação em 1979. Em 1987, recebeu o título de Doutora em Educação também pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Iniciou na docência em 1965, na Secretaria da Educação do Rio Grande do Sul, onde atuou até 1989. Também foi professora da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul entre 1974 e 1989. Em 1989, ingressou como docente da Universidade Federal de São Carlos. A professora também teve passagens por universidades internacionais. Em 1996, foi professora visitante junto a University of South Africa. Em 2003, atuou na Universidad Autónoma del Estado de Morelo, em Cuernavaca - México. Na Stanford University, USA, teve duas passagens, uma em 2008 e outra em 2015.

Professora, pesquisadora e militante é reconhecida por seu trabalho pelo combate ao racismo e para a implementação da educação para as relações étnico-raciais em todos os níveis de ensino. É integrante do International Research Group on Epistemology of African Roots and Education, coordenado pela Drª Joyce E. King da Georgia State University/USA. Tem extensa produção bibliográfica que tem servido de referência para estudantes, pesquisadores/as, professores/as no combate ao racismo e outras formas de discriminação na educação.

É importante ressaltar sua participação como conselheira da Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação, entre



Palavras-chave:

Diretrizes Curriculares; Educação para as relações étnico-raciais; Movimentos Negros; Educação.

Componentes curriculares afins

Adaptável para as diferentes áreas: Ciências Exatas e da Terra; Ciências Biológicas; Engenharia /Tecnologia; Ciências da Saúde; Ciências Agrárias; Ciências Sociais; Ciências Humanas; Linguística; Letras e Artes.

Fontes de informação:

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5770245673371690> Acesso em: 01/10/2018

Entrevista com Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva. Persona UFPR TV. Agosto de 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JJsdE3NgxR8> Acesso em: 01/10/2018



Biografias– Personalidades afrodescendentes



2002 e 2006, por indicação do Movimento Negro, atuando como relatora do Parecer CNE/CP 3/2004 que estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana.

Por sua imensa contribuição para a educação no combate ao racismo, sendo a primeira mulher negra a integrar o Conselho Nacional de Educação, Petronilha recebeu, em 2011, uma homenagem da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR). Também como reconhecimento de sua contribuição para a educação brasileira, em 2011, foi admitida na Ordem Nacional do Mérito, no Grau de Cavaleiro, pela presidenta da República Dilma Rousseff.

Sugestão de atividade pedagógica

Tema: As Diretrizes Curriculares e o Ensino Superior

Público-alvo: Estudantes do Ensino Superior.

Objetivos:

- Compreender de que maneira a temática étnico-racial foi e/ou está sendo incorporada nos currículos dos cursos Superiores.
- Identificar a presença/ausência da cultura afro-brasileira e africana em sua formação.
- Conhecer o campo normativo que estabelece a obrigatoriedade da inserção da temática étnico-racial nos currículos do Ensino Superior.
- Compreender o racismo como estruturante da sociedade brasileira buscando formas para combatê-lo.

Materiais necessários:

projektor multimídia, caixa de som e computador.



Biografias– Personalidades afrodescendentes

Métodos ou procedimentos de ação:

1)O/a professor/a deve indicar as seguintes leituras prévias e determinar, em conjunto com os/as estudantes, um prazo para a sua realização:

a)BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CP/003/2004. Diretrizes

Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico/Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, 2004.

b)BRASIL. Ministério da Educação. Plano Nacional das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília, DF: SECAD; SEPPPIR, 2009.

c)BRASIL. Ministério da Educação. Portaria Normativa Nº 21, de 28 de Agosto de 2013. Dispõe sobre a inclusão da educação para as relações étnico-raciais, do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, promoção da igualdade racial e enfrentamento ao racismo nos programas e ações do Ministério da Educação, e dá outras providências, 2013.

d)BRASIL. Lei no 10.639, de 9 de Janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências.

e)BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 março de 2008. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura AfroBrasileira e Indígena”.

f)GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil. In: Educação antirracista caminhos abertos para a lei 10.639/03. Brasília: SECAD, 2005, p. 39-62

2)Na data agendada, o/a professor/a e estudantes realizam um debate abordando os textos lidos, principalmente as Diretrizes, fazendo relação com os conteúdos e ementas das disciplinas do curso a que estão vinculados/as, identificando a presença/ausência da temática étnico-racial na formação.

3)No terceiro momento, os/as estudantes devem pesquisar sobre a inserção da temática étnico-racial no Ensino Superior. A atividade pode ser realizada em grupos, em formato de seminário, com objetivo de apresentar os resultados para toda a turma em data a ser organizada em comum acordo. Cada grupo terá que pesquisar sobre disciplinas, conteúdos, cursos ligados à área de conhecimento do curso a que estão vinculados/as. O objetivo é avaliar a presença/ausência da temática racial no próprio curso, mas também pesquisar outros cursos que tenham realizado reformulação curricular,



Biografias– Personalidades afrodescendentes

pensando em possibilidades de formação em consonância com o campo normativo estudado. Como exemplo, pode-se citar o curso de Medicina da Universidade Federal de Alagoas que tem no currículo a disciplina Saúde da População Negra, desde 2014. Pode-se apresentar a ementa, os conteúdos, as referências, analisar em qual fase do curso é ofertada e quais os objetivos.

Possibilidades de avaliação ou produção de resultados:

A avaliação será em duas etapas: primeiro será avaliada a participação no debate e o reconhecimento da importância do estudo sobre o campo normativo da temática étnico-racial, seja qual for a área de formação. Depois os/as estudantes serão avaliados/as pela apresentação da pesquisa no formato de Seminário. Espera-se que esta atividade possa levar os/as estudantes de graduação a compreender que a formação na temática étnico-racial é imprescindível para a futura atuação profissional, para o combate de práticas racistas e discriminatórias, para a construção de uma sociedade que respeite às diferenças e promova a garantia de direitos.



Biografias– Personalidades afrodescendentes

THEREZA SANTOS

Nasceu em 7 de julho de 1938 no Rio de Janeiro, Brasil.

Faleceu em 18 de dezembro de 2012.

Thereza Santos, cujo nome de registro era Jaci dos Santos, foi atriz, teatróloga, filósofa, professora e militante na luta em defesa do povo negro na diáspora e em África. Sua história ela mesma conta no livro *Malunga Thereza Santos: a história de vida de uma guerreira*, publicado em 2008, pela EdUFSCar.

Graduada em Filosofia pela Universidade do Rio de Janeiro. Na década de 1960, atuou em novelas da Extinta TV Tupi e no filme *Orfeu do carnaval*, ganhador do Cannes em 1960, além de atuar em muitas peças nacionais e de ter feito duas turnês internacionais. Envolvida com o teatro engajado, participou do Centro Popular de Cultura da União Nacional dos Estudantes e do Partido Comunista e teve uma curta participação no Teatro Experimental do Negro. Ligada ao carnaval carioca, realizou trabalho com crianças e a criação de um departamento Feminino na Mangueira.

Investigada pela Polícia Política da Marinha por sua atuação contra a ditadura e ligação com o movimento afro-brasileiro pró-independência dos países africanos, fugiu para São Paulo em 1969.

No início da década de 1970 foi apresentada a Eduardo de Oliveira e Oliveira por Odacir de Mattos. Thereza Santos e Eduardo de Oliveira e Oliveira escreveram e produziram o espetáculo *E agora... falamos nós* que falava sobre a história do negro no Brasil, na perspectiva do negro. Este é considerado o espetáculo de maior sucesso do Centro de Cultura e Arte Negra (Cecan), fundado por Thereza em 1971. Ela realizou diversos



Palavras-chave:

Teatro; Militância; Cultura política; Resistência; Movimentos Negros

Componentes curriculares afins

Artes; História e Sociologia.

Fontes de informação:

OLIVEIRA, Evaldo Ribeiro. Narrativas de Thereza Santos: contribuições para a educação das relações étnico-raciais. In: Maria Angela da S. Aguiar. (Org.). *Educação e Diversidade: Monografias*. Andréia da Silva Pereira, Evaldo Ribeiro Oliveira, Rita Gomes do Nascimento, Tatiana de Faria Pedersoli. Recife: Gráfica J. Luiz Vasconcelos, 2009, v. 1, p. 53-110.

RIOS, Flávia. A trajetória de Thereza Santos: comunismo, raça e gênero durante o regime militar. Revista: *PLURAL*, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v.21.1, 2014, pp.73-96. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/plural/article/viewFile/83619/86550> Acesso: 01/10/2018.

SANTOS, Thereza. *Malunga Thereza Santos: a história de vida de uma guerreira*. São Carlos: EDUFSCAR, 2008.



Biografias– Personalidades afrodescendentes



trabalhos no Cecan, até que deixou o Brasil em 1974 em virtude da perseguição do regime militar.

Nos quatro anos que passou na África, Thereza passou por Guiné Bissau, Angola e Senegal atuando na luta política de reconstrução das nações que passavam pelo processo de independência. Sua atuação se deu principalmente pela cultura e pela arte, usando o teatro como ferramenta de emancipação. Em 1978 Thereza retorna ao Brasil.

De 1986 a 2002 atuou como assessora de cultura afro-brasileira da Secretaria de Estado da Cultura do Estado de São Paulo promovendo diversas ações e projetos de valorização da cultura negra.

Thereza Santos é símbolo de luta e resistência. Mulher negra, conheceu desde a infância o racismo presente na nossa sociedade e se engajou, principalmente, pela arte e pela cultura na luta para o reconhecimento dos direitos dos povos negros na diáspora e até mesmo no continente africano. Sua trajetória e sua luta estão centradas em uma cultura política, entendendo a arte também como um caminho para mudar os rumos da história, para a superação do racismo, das desigualdades e para o fortalecimento das identidades.

Sugestão de atividade pedagógica

Tema: E agora falamos nós...

Público-alvo: Estudantes do Ensino Médio.

Objetivos:

- Compreender o racismo como estruturante da sociedade brasileira buscando formas para combatê-lo;
- Fortalecer as diferentes identidades e o pertencimento étnico-racial;



Biografias– Personalidades afrodescendentes

- Reconhecer e valorizar as diferentes manifestações artísticas e culturais;
- Refletir sobre a questão étnico-racial a partir da trajetória de vida de Thereza Santos.

Materiais necessários: projetor multimídia, caixa de som, computador e sala para apresentação teatral.

Métodos ou procedimentos de ação: O teatro foi mobilizado pela população negra em diferentes momentos históricos e diferentes contextos: pelo movimento abolicionista, por movimentos negros, pelas comunidades tradicionais afro-brasileiras com suas manifestações

performáticas, por professores/as e estudantes negros/as. São visíveis suas

potencialidades estéticas e criadoras, mas também pedagógicas e transformadoras. Abaixo, encontra-se uma proposta de sequência didática a partir da trajetória de vida de Thereza Santos.

1)Leitura de trechos da obra Malunga Thereza Santos: a história de vida de uma guerreira. O/a professor/a deverá distribuir os trechos (impressos) aos estudantes.

A)Infância:

Na vila, onde morava, minhas colegas de brincadeiras eram as meninas brancas e a nossa relação era marcada por altos e baixos. Foi lá que ganhei a verdadeira percepção das diferenças entre negros e brancos, e digo até hoje que devo minha consciência negra à crueldade dos brancos na relação com os negros. Quando eu fazia tudo que elas mandavam, eu era maravilhosa e suas mães diziam que eu era uma verdadeira “negrinha de alma branca”, porém, quando durante as brincadeiras, eu brigava com algumas delas, voltavam-se todas contra mim e me chamavam de “Tiziu”, “Macaca” e ouvia a famosa frase: “Negro quando não faz na entrada, faz na saída”. A vila marcou minha vida por tudo que ouvi lá contra os negros (SANTOS, 2008. p. 17-8).

B)Escola:

Na escola não conseguia me enturmar, percebia o preconceito, um tratamento diferenciado, como se eu fosse uma vassala. Minha avó e seus ensinamentos me vinham à cabeça e me isolava, a leitura era o meu grande refúgio e ficava bem comigo mesma. Tornei-me uma grande observadora e a cada dia, a cada tratamento diferenciado aprendia a ser negra, mais negra e cada vez mais firma na busca de caminhos para mudar o mundo (...) (SANTOS, 2008. p. 19)

C)África:

O Futa Djalon é uma montanha rica em minerais cuja metade fica no território da Guiné Bissau e a outra no território da Guiné Conakry. Isto é consequência da partilha da África feita pelos Europeus em 1885. As divisões territoriais eram feitas de acordo com os interesses econômicos deles. Foi lá que nossas crianças se apresentaram para autoridades de várias partes do mundo.

Deve ser no mínimo, intrigante para quem não conhece a África, a importância da cultura no continente.



Biografias– Personalidades afrodescendentes

A preocupação dos dirigentes do PAIGC (Partido Africano pela independência da Guiné Bissau e Cabo Verde no Senegal) com o trabalho de desenvolvimento cultural mesmo em plena guerra.

A grande vantagem dos países africanos sobre os países europeus ou europeizados, é que os valores culturais são parte da formação do homem, e foi lá, no meio da miséria, da guerra, do barulho do obus (Canhão) que aprendi a valorizar a cultura. Dentro do mesmo conceito que aprendi na Mangueira, ou seja, aprendi a não separar os valores culturais dos valores sociais e político do homem. Para alguns, incompreensíveis, para mim o caminho que descobri e que resolvi trilhar (SANTOS. 2008. p. 53-54).

2) **Após a leitura dos trechos o/a professor/a deverá promover um debate coletivo** na sala de aula apresentando algumas questões norteadoras:

a) Como Thereza Santos relata sua experiência de tomada de consciência sobre as diferenças na infância?

b) Você, estudante, em seu percurso escolar, desde a Educação Infantil até o momento presente, presenciou ou vivenciou situações de preconceito racial? O que professores/as e/ou escola fizeram com relação à situação? O que você acha que deveria ter sido feito?

c) O que você conhece sobre história e cultura africana?

d) Como o teatro poderia contribuir no combate ao preconceito racial?

3) Após o debate, a turma pode ser separada em grupos. Cada grupo terá que produzir uma apresentação teatral, com duração entre 5 a 10 minutos. Os temas e situações abordados no debate, bem como a trajetória de Thereza Santos poderá servir de inspiração para a criação de uma apresentação teatral vinculada a algum dos seguintes eixos: combate ao racismo; fortalecimento de identidades; história da África; teatro negro. A obra deverá ser apresentada na sala de aula para toda turma.

Possibilidades de avaliação ou produção de resultados:

A avaliação será em duas etapas: primeiro será avaliada a participação no debate, atentando-se para o fato de que não é somente questão de opinião, de que o conhecimento do processo histórico, dos dados, das pesquisas é fundamental para entender o racismo, as desigualdades e as violências centradas na questão étnico-racial. Depois os/as estudantes serão avaliados/as pela apresentação da criação teatral inspirada na trajetória de vida da Thereza Santos e vinculada aos eixos enumerados acima.

Biografias– Personalidades afrodescendentes

VIRGÍNIA LEONE BICUDO

Nasceu em 21/11/1910 em São Paulo –
Faleceu em 26/09/2003.

Mulher negra acadêmica, Virgínia Leone Bicudo é pioneira nos estudos brasileiros em Psicanálise, sendo a única mulher a fazer parte do primeiro grupo de estudos psicanalíticos no Brasil (ABRÃO, 2014). Sua trajetória de estudos passa pela Escola Normal Caetano de Campos, depois pelo Curso de Educadora Sanitária no Instituto de Higiene de São Paulo e culmina com a formação em Ciências Sociais na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, onde entra em contato com a Psicanálise (ABRÃO, 2014). Em sua atuação tanto acadêmica quanto profissional, destaca-se na área da saúde mental preventiva, afastando a Psicanálise do Higienismo, que era o grande influenciador das práticas médicas no início do século XX. Destaca-se também como introdutora da função de psicólogo no serviço público paulistano, bem como pela atuação em defesa do curso de Psicologia e do fim da exclusividade da formação em Medicina para o exercício profissional da terapia Psicológica e Psicanalítica (ABRÃO, 2014). A autora é uma das responsáveis pela desconstrução acadêmica do determinismo biológico étnico-racial no Brasil e, no pós-guerra, contribui significativamente para o avanço das pesquisas em relações étnico-raciais no país, ao estudar “atitudes” dos alunos dos Grupos Escolares, analisando atitudes de rejeição, intimidação, ou aproximação dos estudantes em virtude da cor da pele, bem como a influência da família na constituição dessas preferências (SANTOS; SCHUCMAN, MARTINS, 2012). Além disso, ajudou a popularizar as ideias psicanalíticas entre a população brasileira, participando de programas de rádio e de matérias de jornais (ABRÃO, 2014). Apesar de pouco conhecida e pouco divulgada nos cursos de Licenciatura, tem seu reconhecimento pela Sociedade de Psicanálise.



Palavras-chave: Psicanálise, intelectuais negras, estudos raciais, saúde mental preventiva.

Componentes curriculares afins:

Fundamentos da Educação; Psicologia da Educação; Sociologia da Educação; História da Educação; Educação das relações étnico-raciais.

Fontes de informação:

ABRÃO, Jorge Luís Ferreira. Virgínia Leone Bicudo: Pioneira da Psicologia e da Psicanálise no Brasil. *Interação em Psicologia*, Curitiba, v. 18, n. 2, p. 217-227, maio/ago. 2014. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/306050921_Virginia_Leone_Bicudo_Pioneira_da_Psicologia_e_da_Psicanalise_no_Brasil>, consulta em 02/10/2018.

SANTOS, Alessandro de Oliveira dos; SCHUCMAN, Lia Vainer; MARTINS, Hildeberto Vieira. Breve Histórico do Pensamento Psicológico Brasileiro Sobre Relações Étnico-Raciais. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Brasília, 32 (num. Esp.), p. 166-175. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932012000500012&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>, consulta em 02/10/2018.

Vídeo: Coletivo Feminista Virgínia Leone Bicudo, da Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Quem foi Virgínia Bicudo? Evento em Comemoração ao Dia Internacional da Mulher, Na Faculdade de Saúde Pública da USP, em 09/03/2018. Disponível em: <<http://iptv.usp.br/portal/transmissao/video.action;jsessionid=8251AA302F08EEF7144E77FEA10E9F3C?idltem=38566>>, acesso em 02.10.2018.

Biografias– Personalidades afrodescendentes



Sugestão de atividade pedagógica

Tema: Virgínia Leone Bicudo: uma possibilidade de intersecção de estudos étnico-raciais, de gênero e classe no Brasil do século XX.

Objetivos: Conhecer uma importante intelectual negra brasileira; relacionar o nascimento da questão étnico-racial científica no Brasil em referência ao Estado-nação (Séc. XIX); perceber que o racismo é estrutural na sociedade brasileira; tomar conhecimento do apagamento histórico das mulheres negras pela Academia no Brasil; e reconhecer que uma psicologia individual universal não abarca a realidade brasileira.

Materiais necessários: quadro-negro e giz colorido (ou quadro branco e canetas coloridas para quadro branco); papel e canetas coloridas ou máquina fotográfica para registrar as notas feitas no quadro; equipamento de projeção de som e imagem para o vídeo a ser exibido.

Métodos ou procedimentos de ação:

Antes do encontro:

- O professor deve ler os textos sugeridos e, caso considere necessário, ampliar sua leitura;
- Assistir ao vídeo indicado (primeira parte do vídeo, aproximadamente de 34 minutos) antecipadamente, para organizar inclusive o tempo que disponibilizará para a roda de conversa inicial;
- Preparar algumas breves questões geradoras para os alunos sobre o tema e os objetivos da aula, considerando o seu conhecimento sobre seus alunos;
- Baixar o vídeo, caso não tenha acesso à internet para reproduzi-lo em aula ou a internet da escola seja ruim.



Biografias– Personalidades afrodescendentes

No encontro:

- Deixar a sala previamente arrumada em semicírculo, para que todos possam se ver e ver ao vídeo;
- Ir apresentando informalmente aos alunos as questões geradoras previamente formuladas. As ideias devem ser anotadas no quadro. Deixar que seus alunos falem livremente. Se algum(ns) dos seus alunos tiver(em) conhecimentos aprofundados sobre a questão, apoie-o(s) para que ele(s) assumam as informações;
- Apresentar muito brevemente a autora e o vídeo, possibilitando que os alunos venham conhecer a autora por meio da banca de mulheres negras que apresenta a autora no próprio vídeo;
- Exibir o vídeo (a parte reservada à Virgínia Leone Bicudo);
- Conduzir o debate, registrando novamente as novas informações no quadro, utilizando cores distintas e preferencialmente aproximando visualmente os temas, para permitir a comparação entre as informações adquiridas e as iniciais;
- Compartilhar com os alunos informações adicionais trazida pela leitura dos textos;
- Compartilhar as referências dos textos que são fonte de informação desta atividade com os alunos e convidá-los a ler.

Após o encontro:

- Antes de deixar a sala, o professor deve registrar para si as notas levantadas no quadro.

Possibilidades de avaliação ou produção de resultados: o professor pode avaliar a atividade comparando as notas iniciais às finais; pode também pedir aos alunos que escrevam sobre a atividade.



Biografias– Personalidades afrodescendentes

FRANTZ FANON.

Nasceu em 20/07/1925 em Fort-de-France, Martinica – Faleceu em 06/12/1961 em Bethesda, Maryland (EUA).

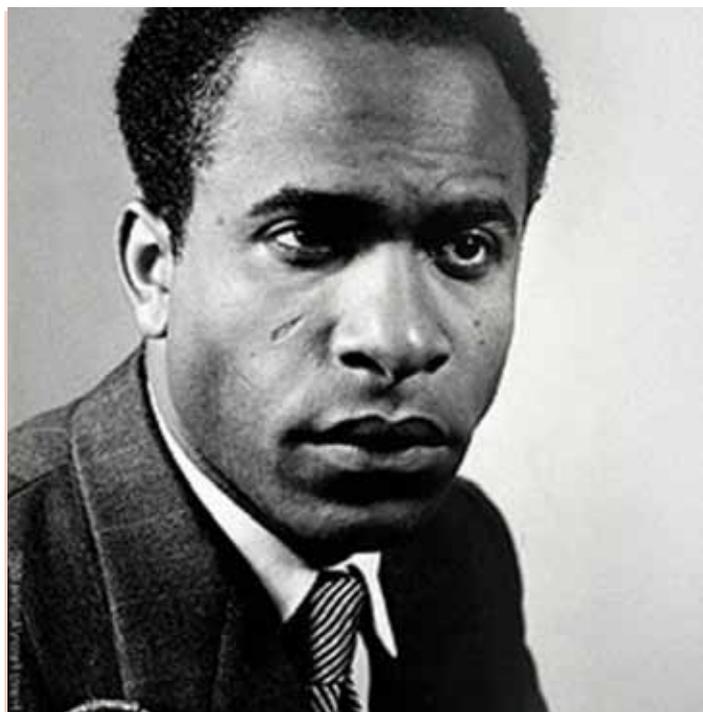
Atuação pelos direitos da população negra:

Psiquiatra e ensaísta, envolveu-se fortemente na luta pela independência da Argélia, foi também um influente pensador do século XX sobre os temas da descolonização e da psicopatologia da colonização. Analisou as consequências psicológicas da colonização, tanto para o colonizador quanto para o colonizado, e o processo de descolonização, considerando seus aspectos sociológicos, filosóficos e psiquiátricos.

Fanon esteve na Argélia, então colônia francesa, onde trabalhou como médico psiquiatra no hospital do exército francês. Diante da violência do processo colonial, Fanon uniu-se à resistência argelina, participando posteriormente de maneira ativa na política africana pós-colonial.

Em dezembro de 1960, depois de circular por várias partes do continente africano fomentando a necessidade de expandir a guerra de libertação a outros países, no auge de sua atuação política, Fanon inicia a escrita de um livro que problematizaria a relação da revolução argelina com outros povos do Continente. No entanto, é diagnosticado com leucemia, restando-lhe pouco tempo de vida, diante dos recursos da medicina à época.

Assim, em questão de meses, escreve o famoso *Os Condenados da Terra* (1961). Suas ideias estimularam obras influentes no pensamento político e social, da teoria da literatura aos estudos culturais passando pela filosofia. Deixou livros fundamentais sobre a diáspora africana: *Os Condenados da Terra* (1961), *Peles Negras, Máscaras Brancas* (1952), *Sociologie d'une révolution: l'an V de la révolution algérienne* (1959). Postumamente editou-se uma antologia com os seus escritos intitulada *Pour la révolution africaine* (1964).



Palavras-chave:

Negritude; Diáspora Africana; Estudos Pós-Coloniais; Racismo; Antirracismo.

Componentes curriculares afins:

História; Filosofia; Sociologia.

Fontes de informação:

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008. Disponível in <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2013/08/Frantz_Fanon_Pele_negra_mascaras_brancas.pdf>. Acesso em: 23 de Set. 2018.

FAUSTINO, Deivison Mendes. "Por que Fanon? Por que agora?": Frantz Fanon e os fanonismos no Brasil. Tese de Doutorado. São Carlos: UFSCar, 2015. Disponível in: <<https://www.capes.gov.br/images/stories/download/pct/2016/Mencoes-Honrosas/Sociologia-Deivison-Mendes-Faustino.PDF>>. Acesso em: 23 de Set. 2018.

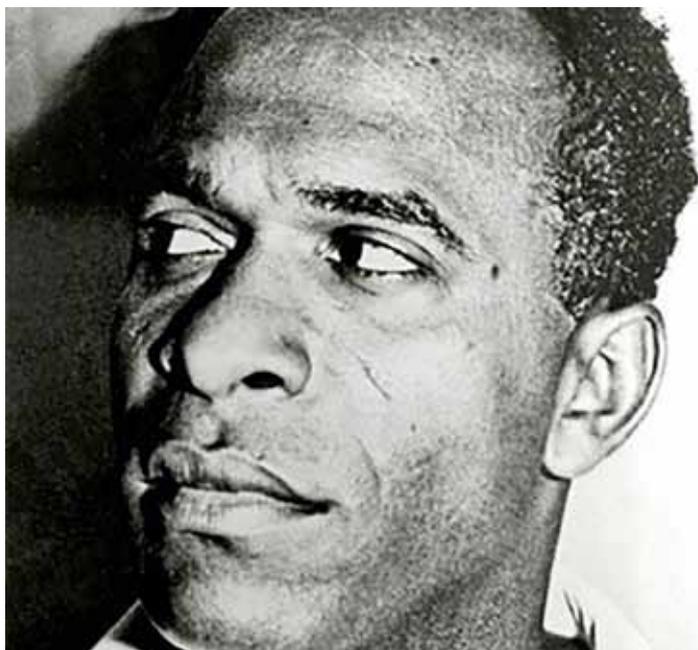
GUIMARÃES, Antonio S. A. "A recepção de Fanon no Brasil e a identidade negra". *Novos estudos CEBRAP*, 81. Julho de 2008, pp. 99-114. Disponível in <<http://www.scielo.br/pdf/nec/n81/09.pdf>>. Acesso em 23 de Set. 2018.

ROCHA, Gabriel dos Santos. "Antirracismo, negritude e universalismo em *Pele negra, máscaras brancas* de Frantz Fanon". *Sankofa – Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana*, Ano VIII, NºXV. São Paulo, Agosto de 2015. Disponível in <http://www.revistas.usp.br/sankofa/article/view/102437/100756>. Acesso em 23 de Set. 2018.

Filme: OLSSON, Göran. *Sobre a violência* (Om våld). Suécia/Finlândia/Dinamarca/Eua, 2014. Disponível in <http://filmscult.com.br/sobre-violencia-2014/>. <http://filmscult.com.br/sobre-violencia-2014/>



Biografias– Personalidades afrodescendentes



Sugestão de atividade pedagógica

Tema: Racismo e Antirracismo; Colonialismo e pensamento pós-colonial.

Público-alvo: Atividade apropriada para público adolescente, jovem e adulto. Ensino Médio, Ensino Profissionalizante, Ensino Superior, Licenciaturas, EJA.

Objetivos: discutir como a ideologia da suposta igualdade racial pode dar suporte para que o racismo se manifeste de maneira “velada”, em sociedades multirraciais, como a brasileira. Destacar como, para Fanon, a colonização não se limita à subordinação material de um povo, pois ela também está no cerne da linguagem. Problematicar aspectos relativos à interiorização do racismo, e busca pelo “embranquecimento”, criticado por Fanon, como forma de atenuar a situação de opressão.

Materiais necessários: Projetor/Datashow; cópias dos textos indicados

Métodos ou procedimentos de ação:

- Apresentar as principais ideias de Fanon, indicando a leitura ao menos da Introdução de “Pele negra, máscaras brancas” e/ou da resenha “Antirracismo, negritude e universalismo em Pele negra, máscaras brancas de Frantz Fanon”.

- Na aula, após o período dado para leitura dos textos, fornecer elementos explicativos, como dados históricos, palavras desconhecidas presentes nos textos, etc. Apresentar imagens, notícias, registros de situações que explicitem a desigualdade entre negros e brancos no Brasil, como a diferença nos números em grupos como estudantes de medicina e outras carreiras bem remuneradas, apresentadores de televisão e professores universitários (em sua grande maioria brancos) e, por outro lado, os índices de mortes violentas (jovens negros).

- Apresentar situações em que potencialmente se enquadrem na crítica de Fanon ao “embranquecimento”, tentativa de corresponder aos padrões do branco.



Biografias– Personalidades afrodescendentes

Possibilidades de avaliação ou produção de resultados: a partir dos trechos destacados abaixo, convidar o estudante a refletir sobre o que seria este “complexo de inferioridade”, a tentativa de corresponder aos padrões sociais ditados pelo colonizador e, ao contrário, a afirmação da identidade negra como luta contra este quadro. A reflexão pode ser desenvolvida na forma de redação ou pesquisa com aprofundamento na temática, apresentada em seminário, trabalho escrito ou audiovisual.

“Falo de milhões de homens em quem deliberadamente inculcaram o medo, o complexo de inferioridade, o tremor, a prostração, o desespero, o servilismo”. (Aimé Césaire, Discurso sobre o colonialismo – epígrafe na Introdução de *Pele negra, máscaras brancas* de Fanon).

“O quinto capítulo, que intitulei ‘A experiência vivida do negro, é importante por várias razões. Ele mostra o preto diante de sua raça. Perceberemos que não há nada em comum entre o preto deste capítulo e aquele que procura dormir com a branca. Encontramos nesse último um desejo de ser branco. Uma sede de vingança, em último caso. Aqui, ao contrário, assistiremos aos esforços desesperados de um preto que luta para descobrir o sentido da identidade negra. A civilização branca, a cultura europeia, impuseram ao negro um desvio existencial. Mostraremos, em outra parte, que aquilo que se chama de alma negra é frequentemente uma construção do branco”. (Fanon – Introdução de *Pele negra, máscaras brancas*)

“O complexo de inferioridade do colonizado deve-se ao sepultamento de sua originalidade cultural, faz parte do processo de dominação colonial desconsiderar que o negro possui cultura, civilização e um longo passado histórico”. (Rocha, 2018)



Biografias– Personalidades afrodescendentes

MESTRE DIDI

Nasceu em 02/12/1917 em Salvador (BA) –
Faleceu em 06/10/2013 em Salvador (BA).

Deoscóredes Maximiliano dos Santos, Mestre Didi, escultor e escritor. Produzia objetos rituais desde a infância; aprendeu a manipular materiais, formas e objetos com os mais antigos do culto orixá Obaluaiyê. Entre 1946 e 1989, publica livros sobre a cultura afro-brasileira, alguns com ilustrações de Caribé. Em 1966, viaja para a África Ocidental e realiza pesquisas comparativas entre Brasil e África, contratado pela Unesco. Nas décadas de 60 a 90, participa como membro de institutos de estudos africanos e afro-brasileiros e como conselheiro em congressos com a mesma temática, no Brasil e no exterior. Em 1980, funda e preside a Sociedade Cultural e Religiosa Ilê Asipá do culto aos ancestrais Egungun, em Salvador. Foi alápini, sacerdote supremo do culto aos ancestrais masculinos, culto Egungun, e coordenador do Conselho Religioso do Instituto Nacional da Tradição e Cultura Afro-Brasileira, que representa no país a Conferência Internacional da Tradição dos Orixás e Cultura.



Palavras-chave:

Consciência Negra; Religião africana; Ancestralidade; Cultura Africana.

Componentes curriculares afins

História; Língua Portuguesa; Arte.

Fontes de informação

MESTRE Didi. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa21953/mestre-didi>>. Acesso em: 23 de Set. 2018. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7.

AUSTRELINA, Léa. Odara e a linguagem educativa dos contos do Mestre Didi. Disponível in <<http://www.pordentrodaafrica.com/brasil-africa/odara-e-linguagem-educativa-dos-contos-do-mestre-didi>>. Acesso em: 23 de Set. 2018.

PINTO, Tales. Arte de Mestre Didi e a cultura africana. Disponível in <<https://educador.brasilecola.uol.com.br/estrategias-ensino/arte-mestre-didi-cultura-africana.html>>. Acesso em 23 de Set. 2018.

Filme: LE ROUX, Emilio; HEROLD, Hans; MOURA, Silvana. Alápini, A Herança Ancestral de Mestre Didi Asipá. Brasil, 2017.



Biografias– Personalidades afrodescendentes

Sugestão de atividade pedagógica

Tema: Ancestralidade – História e Cultura da população africana no Brasil.

Público-alvo: Atividade apropriada para público adolescente, jovem e adulto. Ensino Médio, Ensino Profissionalizante, Ensino Superior, Licenciaturas, EJA.

Objetivos: conhecer a origem de parte da população africana que vive no Brasil, sua localização no continente africano e expressão cultural, bem como a manutenção de suas expressões culturais em solo brasileiro, principalmente nos aspectos religiosos, artísticos e mesmo na manutenção da tradição de organização social;

Materiais necessários: Projetor/Datashow; Contos de Mestre Didi; Filme “A Herança Ancestral de Mestre Didi Asipá” (desejável).

Métodos ou procedimentos de ação:

- Apresentar imagens das esculturas de Mestre Didi, destacando os diferentes materiais, formas e elementos da religiosidade africana. Se disponível, apresentar o documentário (filme).
- Indicar a leitura de um ou mais contos do Mestre Didi em que a simbologia exprima outras formas de pensamento, outras concepções de mundo além da ocidental.
- Na aula, após o período dado para leitura dos contos, fornecer elementos explicativos, como dados históricos, palavras desconhecidas presentes nos textos, etc. Ressaltar os elementos culturais, religiosos, a concepção de mundo e ancestralidade presentes nas esculturas e na literatura de Mestre Didi. A partir desse ponto, desenvolver o conteúdo dando ênfase à História, aos diferentes grupos vindos da África durante a escravidão e suas especificidades (culturais, religiosas, organizacionais); ou à Arte, como diferentes técnicas e materiais, o que as peças expressam, arte e religiosidade; ou à Língua Portuguesa, através da análise da narrativa, interpretação de texto e gramática, palavras no português falado no Brasil advindas dos idiomas falados no continente Africano.

Possibilidades de avaliação ou produção de resultados: convidar os estudantes a pesquisar elementos da história e cultura africanas que se destacaram durante o percurso realizado. Em grupos (sugere-se até cinco estudantes), poderão escolher como tema os mitos presentes nos contos lidos, ou outras divindades e narrativas que se relacionem; as características de grupos vindos da África, sua localidade original e trajetória ao Brasil; exemplos de movimentos que perpetuam a cultura africana no Brasil, as ações das instituições mencionadas no documentário ou apresentação sobre Mestre Didi; outras expressões artísticas no Brasil que se relacionam com a religiosidade e cultura africanas; entre outras possibilidades. Em suma, convidar os estudantes a se aprofundarem, a partir das possibilidades abertas na apresentação do conteúdo inicial. A pesquisa poderá ser apresentada em diferentes formatos, a critério do professor: trabalhos escritos e/ ou seminários, os quais podem valer-se de cartazes e filmes.



Biografias– Personalidades afrodescendentes

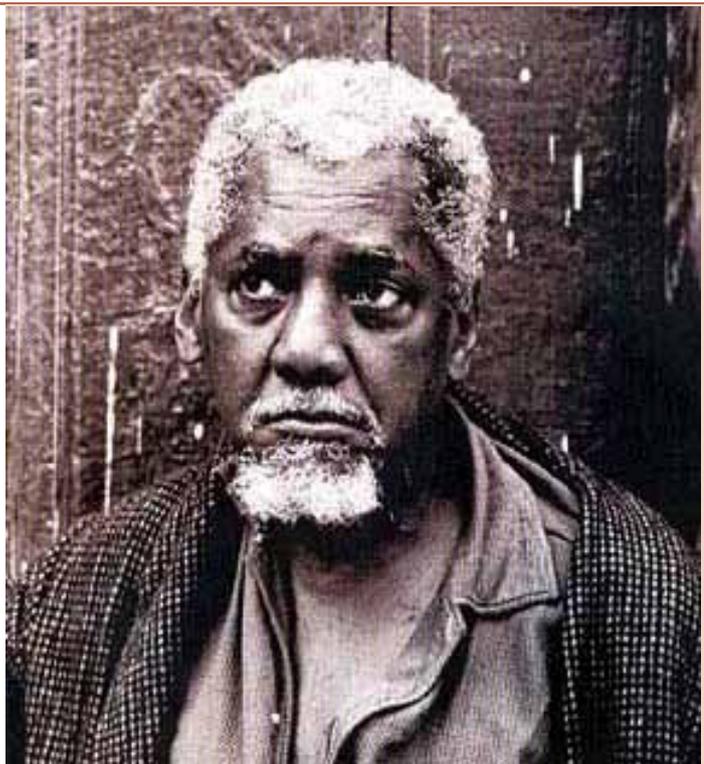
SOLANO TRINDADE

Nasceu em 24/07/1908 em Recife - Pernambuco – Faleceu em 19/02/1974 no Rio de Janeiro – Rio de Janeiro.

Atuação pela divulgação de intelectuais e artistas negros.

Em 1936, entusiasmado com os movimentos em prol da consciência negra, que se espalhavam nas principais cidades do país, Solano Trindade funda a Frente Negra Pernambucana e o Centro de Cultura Afro-Brasileiro, com o objetivo, dentre outros, promover a pesquisa da afro descendência na cultura e na história, buscar a expressão afro-brasileira na literatura e nas artes em geral, além de promover a divulgação de intelectuais e artistas negros. Em suas publicações, podia-se perceber o teor do seu projeto sociocultural: “não faremos lutas de raças, porém ensinaremos aos irmãos negros que não há raça superior, nem inferior, e o que faz distinguir uns dos outros é o desenvolvimento cultural. São anseios legítimos a que ninguém de boa-fé poderá recusar cooperação” (TRINDADE, 1999, p. 18). Ainda em 1936, estreia na poesia com a publicação de Poemas negros.

Em 1944, lança seu segundo livro, Poemas d’uma vida simples, que obteve excelente repercussão junto à crítica da época. Amante devotado das formas populares de representação, Solano Trindade funda, junto com Abdias do Nascimento, o TEN – Teatro Experimental do Negro – em 1944, no Rio de Janeiro. Seis anos mais tarde, inaugura ao lado da esposa e do sociólogo Edison Carneiro, o Teatro Popular Brasileiro, que contava com um elenco formado por domésticas, operários e estudantes. Os espetáculos de canto e dança apresentados pelo TPB foram levados a vários países da Europa.



Palavras-chave:

Intelectualidade Negra; Consciência Negra; Desigualdade racial.

Componentes curriculares afins

Filosofia; Sociologia; História; Língua Portuguesa.

Fontes de informação

PORTAL LITERAFRO. SOLANO TRINDADE. IN: Autores. Disponível em <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autores/429-solano-trindade> . Acesso em: 12/set/2018.

TORRES, F. SOLANO TRINDADE: para não esquecer de seus poemas. Disponível em: <https://www.ceert.org.br/noticias/historia-cultura-arte/22494/110-anos-de-solano-trindade-para-nao-esquecer-de-seus-poemas>. Acesso em: 12/set/2018.

MUSEU AFROBRASIL. SOLANO TRINDADE. IN: História e Memória. Disponível em: <http://www.museuafrobrasil.org.br/pesquisa/hist%C3%B3ria-e-mem%C3%B3ria/historia-e-memoria/2014/12/30/solano-trindade>. Acesso: 12/Set/2018.

POEMA. Sou negro. Autoria: Solano Trindade. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autores/11-textos-dos-autores/904-solano-trindade-sou-negro> . Acesso em 12/set/2018.



Biografias– Personalidades afrodescendentes



Sugestão de atividade pedagógica

Tema: Refletindo sobre negritude e intelectualidade negra no Brasil

Atividade: Roda de Conversa

Público-alvo: Atividade apropriada para público adolescente, jovem e adulto. Ensino Médio, Ensino Profissionalizante, Ensino Superior, Licenciaturas, EJA.

Objetivos: Apresentar o poeta Solano Trindade e por meio de seu poema, discutir temas como a intelectualidade negra, desigualdade racial e construção da identidade étnica da população negra.

Materiais necessários: cópias e Projetor de slides/Datashow.

Métodos ou procedimentos de ação:

Posicionar os alunos em semicírculo para estimular a participação de todos. Em seguida, apresentar por meio de imagens, a biografia do poeta Solano Trindade. Entregar, para cada aluno, uma cópia do poema Sou negro e solicitar a leitura individual do mesmo. Após a leitura e interpretação do texto (com auxílio do professor), questionar sobre como os personagens são apresentados pelo autor; sobre como é ser negro, segundo o poeta Solano Trindade, e por fim, como é ser negro no Brasil, segundo a visão dos alunos, negros e não-negros.

Possibilidades de avaliação ou produção de resultados: A avaliação pode ocorrer mediante o envolvimento dos alunos com a temática, por meio das respostas aos questionamentos, como também por meio da elaboração de trabalhos de pesquisa solicitado pelo professor. Os trabalhos podem ser sobre personalidades negras brasileiras em destaque no Brasil, que tiveram/têm papel político-social de combate ao racismo, seja no campo das artes, do esporte, das ciências, da política. A pesquisa poderá ser apresentada em diferentes formatos, a critério do professor: trabalhos escritos, seminários ou cartazes. Sugere-se que a pesquisa seja realizada em grupos de até 5 estudantes.



Biografias– Personalidades afrodescendentes

Poema Sou negro

por Solano Trindade

A Dione Silva

Sou Negro
meus avós foram queimados
pelo sol da África
minh'alma recebeu o batismo dos tambores
atabaques, gonguês e agogôs

Contaram-me que meus avós
vieram de Loanda
como mercadoria de baixo preço
plantaram cana pro senhor do engenho novo
e fundaram o primeiro Maracatu.

Depois meu avô brigou
como um danado nas terras de Zumbi
Era valente como quê
Na capoeira ou na faca
escreveu não leu
o pau comeu
Não foi um pai João
humilde e manso.

Mesmo vovó
não foi de brincadeira
Na guerra dos Malês
ela se destacou.

Na minh'alma ficou
o samba
o batuque
o bamboleio
e o desejo de libertação.

(O poeta do povo, p. 4)



Biografias– Personalidades afrodescendentes

JOÃO CÂNDIDO

Nome pelo qual é conhecido: João Cândido – o Almirante Negro/Líder da Revolta da Chibata

Datas: Nasceu em 24/06/1880 em Encruzilhada do Sul, Rio Grande do Sul – Faleceu em 06/12/1969 no Rio de Janeiro – Rio de Janeiro.

Atuação político-social pelos direitos humanos: desigualdade social e racial no Brasil

João Cândido Felisberto, conhecido como “Almirante Negro” foi um marinheiro brasileiro que liderou a Revolta da Chibata. Nasceu no ano de 1880 em Rio Pardo, interior do Rio Grande do Sul e com dez anos mudou-se para Porto Alegre aos cuidados do almirante Alexandrino de Alencar, amigo da família do patrão de seu pai. Aos 20 anos já era instrutor de aprendizes-marinheiros. No início de 1900 tomou parte em uma missão na qual o Brasil disputou com a Bolívia o território do Acre. Aos 29 anos João Cândido foi enviado junto a outros marinheiros para a Inglaterra, com o fim de familiarizarem com o equipamento do novo navio de guerra brasileiro batizado de Minas Gerais. Em 22 de novembro de 1910 – 6 dias após a punição de 250 chibatadas infligida ao marujo Marcelino Menezes – explodiu a Revolta. Os marinheiros, sob liderança de João Cândido, protestaram contra as condições a que estavam relegados: os baixos salários, a ausência de um plano de carreira e, sobretudo, contra o castigo de impor chicotadas naqueles que cometiam as menores falhas.

Em 06 de dezembro de 1969, aos 89 anos, João Cândido morreu vítima de um câncer no intestino. No começo da década de 70, uma das mais belas canções da música popular brasileira “O mestre sala dos mares” - em homenagem a João Cândido e a Revolta da Chibata - é lançada na voz de Elis Regina, após a letra da canção de Aldir Blanc e João Bosco ter ficado por alguns anos presa à censura pelo fato de exaltar a raça negra.



Palavras-chave:

Heroísmo negro, Identidade Negra; Racismo institucional.

Componentes curriculares afins

Filosofia; Sociologia; História; Língua Portuguesa.

Fontes de informação

BRASIL. FUNDAÇÃO PALMARES. JOÃO CÂNDIDO. IN: Personalidade negras. Disponível em http://www.palmares.gov.br/?page_id=8246. Pesquisado em: 12/set/2018.

LEITE, C.R.S.C. HÁ 135 ANOS, NASCIA O “MESTRE-SALA DOS MARES”. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/ha-135-anos-nascia-o-mestre-sala-dos-mares/>. Pesquisado em: 12/set/2018.

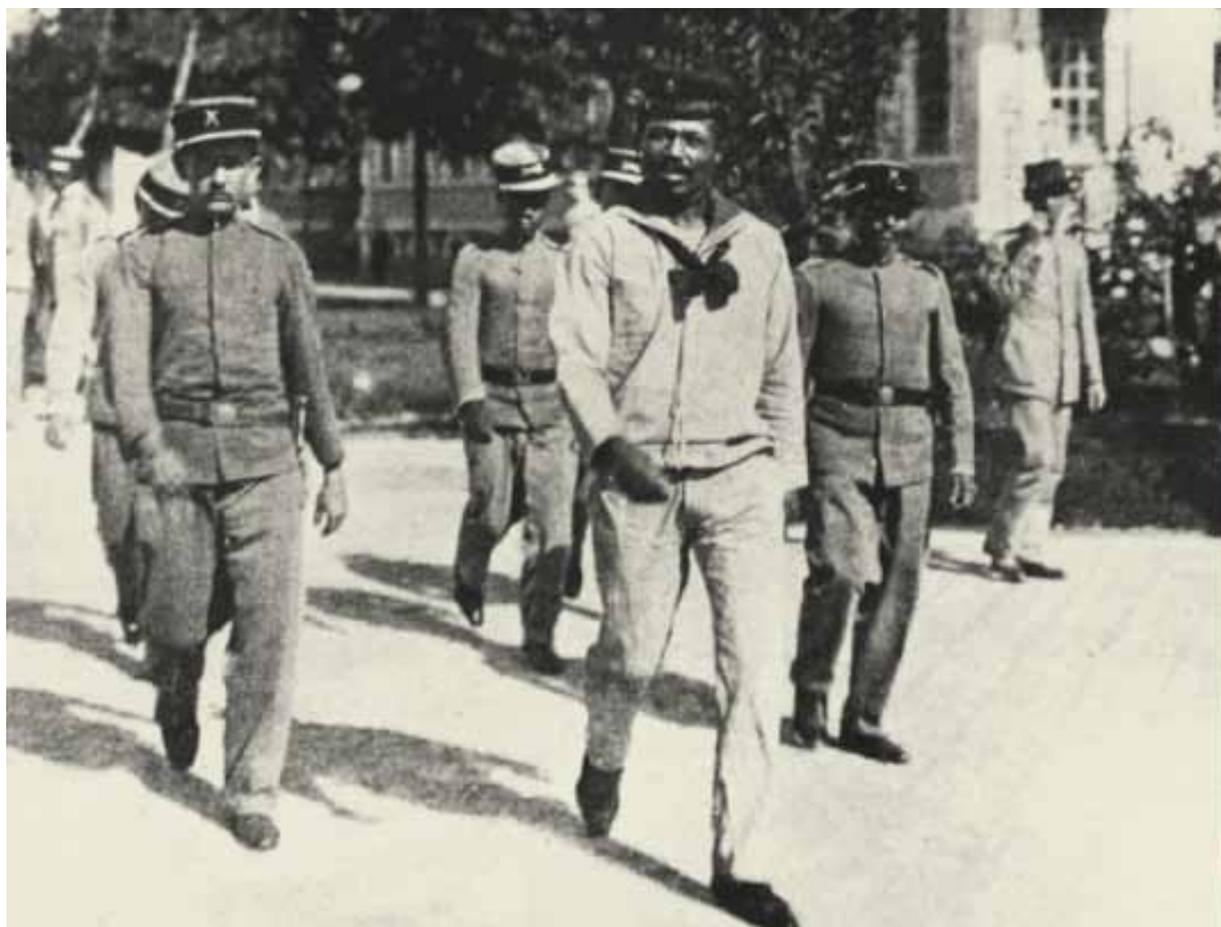
MUSEU AFROBRASIL. JOÃO CÂNDIDO. IN: História e Memória. Disponível em: <http://www.museuafrobrasil.org.br/pesquisa/hist%C3%B3ria-e-mem%C3%B3ria/historia-e-memoria/2014/07/17/jo%C3%A3o-c%C3%A2ndido>. Pesquisado em: 12/Set/2018.

FILME: JOÃO CÂNDIDO. A luta pelos Direitos Humanos. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=PMY_L9V9a28. Pesquisado em 12/set/2018. Dur.: 23min.

MÚSICA: João Bosco. O mestre-sala dos mares. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=B-jb3Hlaj9s>. Acesso: 12/set/2018.



Biografias– Personalidades afrodescendentes



Sugestão de atividade pedagógica

Tema: Heróis negros brasileiros

Atividade: Filme-debate

Público-alvo: Atividade apropriada para público adolescente, jovem e adulto. Ensino Médio, Ensino Profissionalizante, Ensino Superior, Licenciaturas, EJA.

Objetivos: Debater racismo institucional, identidade étnica, a luta pelos direitos humanos: desigualdade social e racial por meio de um filme.

Materiais necessários: cópias e Projetor de slides/Datashow.

Métodos ou procedimentos de ação: Antes do filme: Iniciar a atividade questionando aos estudantes sobre conhecimento de representantes negros brasileiros, cujo ato, pode ser considerado heroico. Fazer uma breve introdução do filme e iniciar. Após o filme, questionar por que João Cândido pode ser considerado um herói brasileiro, como também sobre as características em sua personalidade que contribuíram para o feito. Ao final, apresentar a letra da música O Mestre-sala dos mares – de autoria de João Bosco/Aldir Blanc, após a leitura dessa letra, e interpretação dessa, questionar aos estudantes sobre como pode ser compreendida a mensagem trazida pela canção, e qual a opinião desses sobre a censura.

Possibilidades de avaliação ou produção de resultados: A avaliação pode ocorrer mediante o envolvimento dos alunos com a temática, por meio das respostas aos questionamentos, como também por meio da elaboração de trabalhos de pesquisa solicitado pelo professor. Os trabalhos



Biografias– Personalidades afrodescendentes

podem ser sobre personalidades negras brasileiras em destaque no Brasil, que tiveram/tem papel político-social de combate ao racismo, seja no campo das artes, do esporte, das ciências, da política. A pesquisa poderá ser apresentada diferentes formatos, a critério do professor: trabalhos escritos, seminários ou cartazes. Sugere-se que a pesquisa seja realizada em grupos de até 5 estudantes.

Canção: O Mestre-sala dos Mares.

Autoria: João Bosco/Aldir Blanc
Há muito tempo nas águas da Guanabara
O dragão do mar reapareceu
Na figura de um bravo feiticeiro
A quem a história não esqueceu.

Conhecido como o navegante negro
Tinha a dignidade de um mestre-sala.
E ao acenar pelo mar na alegria das regatas
Foi saudado no porto pelas mocinhas francesas
Jovens polacas e por batalhões de mulatas.
Rubras cascatas
Jorravam das costas dos santos entre cantos e chibatadas
Inundando o coração do pessoal do porão
Que, a exemplo do feiticeiro, gritava então:

Glória aos piratas
Às mulatas, às sereias.
Glória à farofa
à cachaça, às baleias.
Glória a todas as lutas inglórias
Que através da nossa história não esquecemos jamais.
Salve o navegante negro
Que tem por monumento as pedras pisadas do cais.
Mas salve.
Salve o navegante negro
Que tem por monumento as pedras pisadas do cais.
Mas faz muito tempo.



Biografias– Personalidades afrodescendentes

STEVE BIKO.

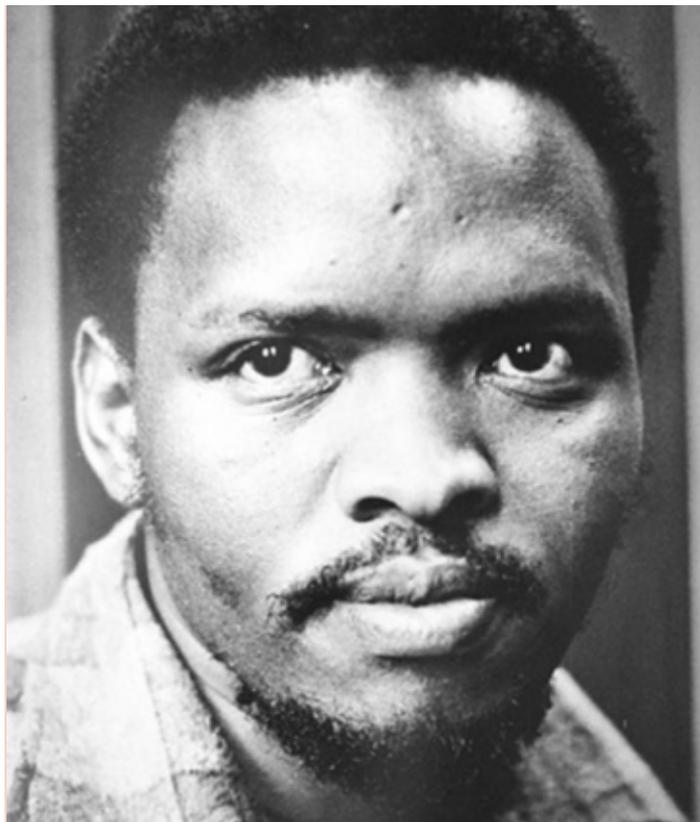
Nasceu em 18/12/1946 na África do Sul
Faleceu em 12/09/1977 na África do Sul.

Atuação pelos direitos da população negra:

Ao iniciar os estudos no curso de Medicina, o jovem negro Steve Biko teve participação no movimento estudantil de sua faculdade. No entanto, foi observando aos poucos que os estudantes brancos – que eram maioria na Universidade – tinham um entendimento limitado sobre as questões que afetavam a população negra na África do Sul. Com isso, Biko construiu um movimento social próprio e exclusivo à comunidade negra, com base no conceito de Consciência Negra como elemento de união e atuação social pelos direitos dos negros e negras no país, que eram negados pelo regime político segregacionista da época (Apartheid).

Steve Biko se posicionou contra o regime do Apartheid, juntamente com outros ativistas da Consciência Negra. Divergiu dos setores que, a partir de 1976, procuraram associar o movimento da Consciência Negra à luta armada. O movimento da Consciência Negra procurava aglutinar a população de forma cultural e pacífica, por meio de comícios e passeatas de protesto, demonstrando nacional e internacionalmente a ilegitimidade do regime sul-africano. O movimento enfrentou seríssima repressão do governo, sobretudo quando articulou greves operárias de grandes proporções, a partir de 1974.

Após uma sucessão de prisões, torturas e longos processos criminais, Steve Biko foi assassinado pelo governo sul-africano, com apenas 31 anos, tornando-se, a partir de então, uma referência internacional para a luta por direitos das populações negras em todo o mundo.



Palavras-chave:

Consciência Negra; Desigualdade Social; História da África; Apartheid.

Componentes curriculares afins

Filosofia; Sociologia; História; Língua Portuguesa.

Fontes de informação

BIKO, Steve. *Escrevo o que eu quero*. São Paulo: Editora Ática, 1990. Disponível em: <https://www.dropbox.com/s/6fchudbijgk5jq/STEVE%20BIKO%20-%20Escrevo%20o%20que%20eu%20quero.pdf?dl=0>. Acesso em: 21/08/2018.

BORGES, Pedro. *Steve Biko e a consciência negra*. Reportagem disponível em: <https://www.almapreta.com/editorias/realidade/steve-biko-e-a-consciencia-negra>. Acesso em: 21/08/2018.

Filme: *Um grito de liberdade* (1987). Disponível em versão dublada em: <https://www.youtube.com/watch?v=kU3oruWp0MU>. Acesso em: 21/08/2018.



Biografias– Personalidades afrodescendentes

Sugestão de atividade pedagógica

Tema: O que é Consciência Negra?

Público-alvo: Atividade apropriada para público adolescente, jovem e adulto. Ensino Médio, Ensino Profissionalizante, Ensino Superior, Licenciaturas, EJA.

Objetivos: Identificar situações de racismo/discriminação; definir o conceito de Consciência Negra; Compreender a importância das ações de promoção da igualdade racial; Ampliar a autoestima de estudantes negros e negras;

Materiais necessários: Projetor de slides/Datashow .

Métodos ou procedimentos de ação:

- Selecionar antes da aula imagens de situações sociais nas quais predominam pessoas negras e pessoas brancas. Por exemplo: formandos de faculdades de Medicina, na maioria brancos; trabalhadores de atividades braçais, como garis ou camponeses, na maioria negros; vencedoras de concursos de Miss, na maioria brancas; apresentadores de telejornais, na maioria brancos. Selecionar também imagens que invertem a expectativa social: pessoas negras em posição de destaque nas empresas, dirigindo carros importados, desempenhando papéis de autoridade como juizes ou políticos, capas de revistas com modelos negros. Organizar essas imagens em uma apresentação de slides.

- Apresentar as imagens aos estudantes, levantando questões como: vocês notam algo de diferente nesta imagem? Será que as pessoas que aparecem na imagem são parecidas com as pessoas que a gente vê no ônibus ou no supermercado? Vocês gostariam de estar presentes nessa imagem? Essa imagem apresenta uma situação normal ou uma situação injusta?

- Após a discussão sobre as imagens, ler junto com os estudantes os seguintes trechos da obra de Steve Biko:

Trecho 1: “Não importa o que o branco faça, a cor de sua pele – seu passaporte para o privilégio – sempre o colocará quilômetros à frente do negro. Portanto, em última análise, nenhum branco escapa de pertencer ao campo opressor.” – BIKO, Steve. *Escrevo o que eu quero*. São Paulo: Editora Ática, 1990, p. 35

Trecho 2: “O primeiro passo, portanto, é fazer com que o negro se encontre a si mesmo, insuflar novamente a vida em sua casca vazia, infundir nele o orgulho e a dignidade. Lembrar-lhe de sua cumplicidade no crime de permitir que abusem dele, deixando assim que o mal imperasse em seu país natal. É exatamente isso que queremos dizer quando falamos em um processo de olhar para dentro. Essa é a definição de Consciência Negra” – BIKO, Steve. *Escrevo o que eu quero*. São Paulo: Editora Ática, 1990, p. 41.

Trecho 3: “Portanto, não há dúvida de que muito da abordagem para fazer surgir a Consciência Negra precisa ser voltada para o passado, a fim de procurar reescrever a história do negro e criar nela os heróis que formam o núcleo do contexto africano. (...) Um povo sem uma história positiva é como um veículo sem motor. Suas emoções não podem ser facilmente controladas e canalizadas numa direção clara. Ele vive sempre à sombra de uma sociedade mais bem-sucedida”. BIKO, Steve. *Escrevo o que eu quero*. São Paulo: Editora Ática, 1990, p. 42.

- Durante a leitura, recomenda-se o esclarecimento do vocabulário, ou seja, a indicação do significado das palavras menos conhecidas pela turma.

- Discutir com os estudantes o conteúdo dos trechos de texto apresentados, relacionando as ideias de Steve Biko com as imagens apresentadas anteriormente.

Possibilidades de avaliação ou produção de resultados: na aula seguinte ao debate, convidar os estudantes a pesquisar personalidades negras de destaque no Brasil, no campo das artes, do esporte, das ciências, da política. A pesquisa poderá ser apresentada em diferentes formatos, a critério do professor: trabalhos escritos, seminários ou cartazes. Sugere-se que a pesquisa seja realizada em grupos de até 5 estudantes.

Personalidades INDÍGENAS

GALDINO JESUS DOS SANTOS

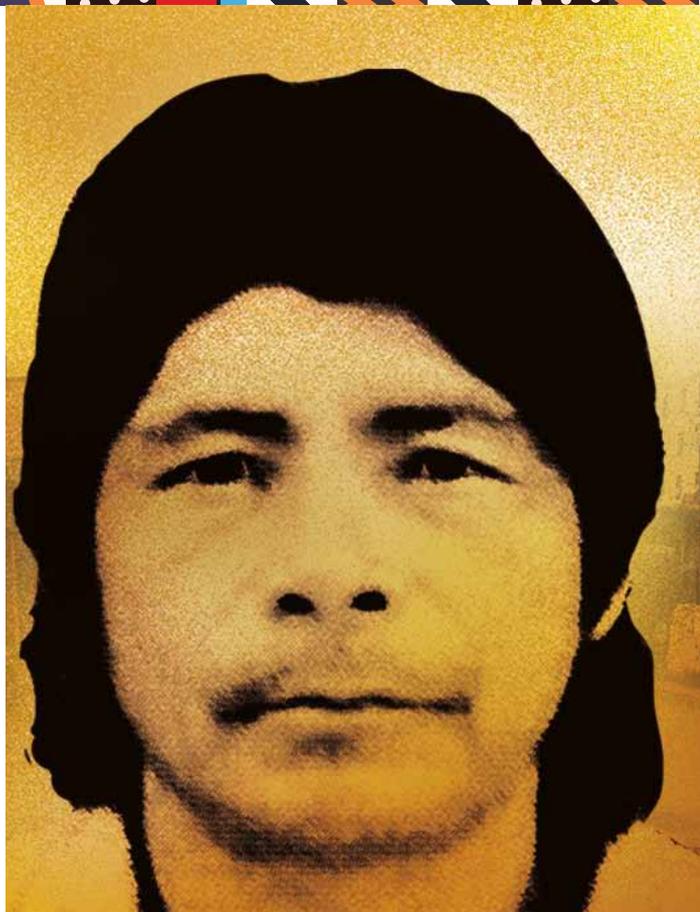
Nasceu na Bahia, no ano de 1952.

Assassinado em Brasília, no dia 20 de abril de 1997.

Na madrugada de 20 de abril de 1997, cinco jovens de classe média atearam fogo no cacique Galdino Jesus dos Santos, do povo Pataxó-hã-hã-hãe, que dormia no banco da parada de ônibus da 704 Sul, em Brasília (DF). Galdino teve 95% do corpo queimado e morreu no dia seguinte ao ataque. Em sua homenagem, a área atrás do ponto da 704 Sul foi rebatizada: agora, é a Praça do Compromisso e abriga os atos em defesa dos povos indígenas realizados em Brasília nos últimos 20 anos.

Galdino de Jesus foi um homem forjado na luta. Cacique de um povo que hoje conta com pouco mais de 2 mil representantes, saiu da Bahia na véspera do Dia do Índio de 1997 para participar, na capital do país, de manifestações e negociações com a Fundação Nacional do Índio (Funai). Era porta-voz da luta pela demarcação das terras pataxós. Uma guerra que, em 1986, já tinha matado um de seus 11 irmãos e que, apenas em 2016, provocou 1.295 conflitos e 61 assassinatos de indígenas pelo Brasil, segundo dados do Conselho Indigenista Missionário (Cimi). Galdino passou aquele 19 de abril em reuniões que adentraram a madrugada. Ao tentar retornar à pousada onde estava hospedado, a poucos metros sede da Funai, se perdeu.

Enquanto o cacique pataxó dormia, cinco amigos, um deles menor de idade, cruzaram seu caminho. Eram cerca de 5 horas da manhã. Na volta de uma festa, avistaram o que disseram (no processo) pensar ser um mendigo naquele ponto de ônibus e tiveram a cruel ideia de atear fogo ao corpo inerte, por diversão. Foram até um posto de gasolina próximo, compraram álcool e fósforos e



Palavras-chave: Índio Galdino; povo Pataxó; genocídio indígena; direitos humanos.

Componentes curriculares afins

Filosofia, Sociologia, História, Geografia.

Fontes de informação

<https://www.metropoles.com/distrito-federal/justica-distrito-federal/vinte-anos-apos-o-crime-assassinatos-de-galdino-reconstroem-a-vida>, consultado em 05.10.2018.

https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2018/04/20/interna_cidadesdf,675182/morte-do-indio-galdino-em-brasilia-completa-21-anos-hoje.shtml, consultado em 05.10.2018.



Biografias– Personalidades indígenas

retornaram à parada. Encharcaram o corpo de álcool, acenderam o fósforo e o lançaram sobre “o mendigo”. Entraram no carro e deram a partida enquanto Galdino se levantava desesperado, gritando de dor.

Segundo dados do censo de 2010, elaborado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 896 mil pessoas se declaram indígenas no país. Na capital federal, conforme a Pesquisa Nacional Por Amostra de Domicílios (Pnad-IBGE) de 2015, são 3 mil pessoas. Mesmo após 21 anos de um crime que abalou o Brasil, a população indígena continua sendo massacrada.

Sugestão de atividade pedagógica

Tema: A Luta por Direitos Humanos e o Genocídio e Etnocídio Indígenas no Brasil.

Público-alvo: Estudantes de Ensino Médio, Cursinho pré-vestibular popular; EJA; Estudantes do Ensino Superior.

Objetivos: Aprofundar a discussão sobre direitos humanos; discutir os conceitos de genocídio e etnocídio; compreender a questão indígena na atualidade; conhecer a história de luta e o martírio do índio pataxó Galdino de Jesus dos Santos; vislumbrar caminhos para a defesa de direitos dos povos indígenas e suas tradições.

Materiais necessários: computador, projetor de imagens e caixas de som, acesso à internet para o vídeo.

Métodos ou procedimentos de ação:

a) Leitura de reportagem sobre a vida e o martírio do índio pataxó Galdino de Jesus dos Santos:

<https://www.metropoles.com/distrito-federal/justica-distrito-federal/vinte-anos-apos-o-crime-assassinos-de-galdino-reconstroem-a-vida>

b) Assistir a reportagem sobre o assassinato de Galdino de Jesus dos Santos no link: <https://www.youtube.com/watch?v=E9z11xZL6aY>

c) Assistir ao breve tributo a Galdino de Jesus dos Santos, no link: <https://www.youtube.com/watch?v=kzSxd7FHZ5Q>

d) Assistir ao breve vídeo disponível no link: <https://www.ufmg.br/prae/a-prae/destaques-da-prae/20-anos-do-assassinato-de-galdino-pataxo-ha-ha-hae-na-visao-de-sua-comunidade/>

e) Debater os conceitos de genocídio e etnocídio.

f) Construir um amplo painel, com mosaicos, fotos e frases, lembrando a luta e martírio do índio Galdino. O cartaz poderá ser exposto em local visível, para que toda comunidade educativa seja também envolvida na atividade.

Possibilidades de avaliação ou produção de resultados:

A avaliação pode ser em forma de plenária, pontuando ações em defesa dos direitos humanos e das populações tradicionais.



Biografias– Personalidades indígenas

DANIEL MUNDURUKU

Nasceu em 28/02/1964 Belém, Pará, Brasil.

Daniel Munduruku (1964-) é um escritor indígena Munduruku. É graduado em Filosofia, tem licenciatura em História e Psicologia. É doutor em Educação pela Universidade de São Paulo, com Pós-doutorado em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos.

É diretor presidente do Instituto UKA - Casa dos Saberes Ancestrais, uma instituição cuja missão é promover a consciência da presença das culturas indígenas e sua importância na formação da identidade nacional brasileira. É também membro fundador da Academia de Letras de Lorena.

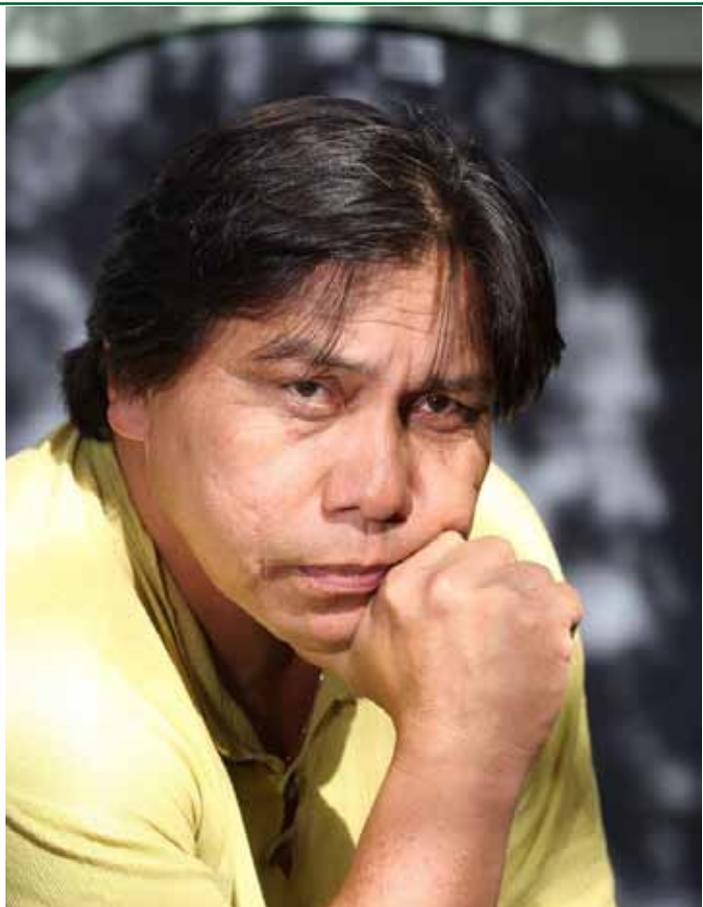
Entre os seus mais de 50 livros para crianças, jovens e educadores, muitos já receberam o selo Altamente Recomendável outorgado pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ).

É Comendador da Ordem do Mérito Cultural da Presidência da República desde 2008 e, em 2013, recebeu a mesma honraria na categoria da Grã-Cruz, a mais importante concedida a um cidadão brasileiro na área da cultura.

Entre os prêmios recebidos no Brasil e Exterior, destacam-se o Prêmio Jabuti, o Prêmio da Academia Brasileira de Letras, o Prêmio Érico Vanucci Mendes (outorgado pelo CNPq), o Prêmio Tolerância (outorgado pela UNESCO) e o Prêmio da Fundação Bunge pelo conjunto de sua obra e atuação cultural.

Destaca-se pelo conjunto de sua obra, que nos oferece um mergulho no universo indígena com sensibilidade e assertividade. Sua voz nos convida a nos despirmos de nossos preconceitos e a repensarmos a vida com todas as singularidades que o contato com outros povos pode nos oferecer.

Além de escrever, Daniel é um divulgador e incentivador de outras personalidades indígenas, ajudando a aumentar a produção de uma literatura feita por representantes de vários povos indígenas do Brasil. Usuário das



Palavras-chave: Daniel Munduruku; mulher indígena; formação.

Componentes curriculares afins

Língua Portuguesa; Sociologia; Filosofia e História.

Fontes de informação:

MUNDURUKU, Daniel. Blog do Daniel Munduruku. Disponível em: <<http://danielmunduruku.blogspot.com/>>. Acesso em: 06 set. 2018.

TV Daniel Munduruku. Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/dmunduruku/featured>>. Acesso em: 06 set. 2018.

Minha vó foi pega a laço. Blog do Daniel Munduruku. Disponível em: <<http://danielmunduruku.blogspot.com/2017/11/minha-vo-foi-pega-laco.html>>. Acesso em: 06 set. 2018.



Biografias– Personalidades indígenas



redes sociais, apresenta novas obras e promovendo ações em que outros possam participar. Vale visitar seu blog: <<http://danielmunduruku.blogspot.com/>> e o do Instituto UKA: <<http://institutouka.blogspot.com/>>.

Reside em Lorena, interior de SP.

Sugestão de atividade pedagógica

Tema: Que país é esse?

Público-alvo: Atividade apropriada para público adolescente, jovem e adulto. Ensino Médio, Ensino Profissionalizante, Ensino Superior, Licenciaturas, EJA.

Objetivos: Problematizar relações estabelecidas com os indígenas; observar como a linguagem é manifestação da cultura e constituidora dos sujeitos sociais; compreender a língua como lugar de marcar desigualdades sociais e violências; compreender a diversidade cultural brasileira por meio da interpretação de textos.

Materiais necessários: Texto preparado para leitura (projeção ou xerox).

Métodos ou procedimentos de ação: O texto “Minha vó foi pega a laço”, de Daniel Munduruku, é uma denúncia de como foi e continua sendo violenta a maneira como muitos brasileiros ainda se dirigem à questão indígena, sem problematizar expressões e as relações de poder estabelecidas no uso da língua, na fala comum. Propõe-se:

1. Introduzir o tema das relações que estabelecemos com os povos indígenas por meio de uma breve conversa, levantando com a turma: as maneiras como os povos indígenas nos são apresentados; exemplos de momentos em que a questão indígena é debatida na escola e na sociedade; problemas



Biografias– Personalidades indígenas

que essa exposição do tema suscita nas relações sociais; exemplos de membros da comunidade indígena que eles conheçam; qual o papel de uma liderança indígena hoje.

2. Apresentar o lugar de um escritor indígena e propor que se levantem as diversas maneiras como ele poderia atuar na sociedade para lidar com as questões que dizem respeito aos povos indígenas.

3. Apresentar o Daniel Munduruku, sua pequena biografia, mostrando os espaços em que atua hoje: blog, redes sociais, canal na internet... Escolher um vídeo para apresentá-lo ou apenas projetar uma imagem sua, enquanto se lê sua biografia. Discutir se a sua biografia confirma aquilo que se discutiu no item 2.

4. Lembrar que o Daniel tem muitos textos poéticos, outros destinados a registros da sabedoria do seu povo, outros ainda de formação, por exemplo, de professores. Neste encontro será lido um texto publicado em seu blog. Distribuir cópias do texto “Minha vó foi pega a laço” e fazer a leitura silenciosa, com a seguinte tarefa: registrar seus pensamentos pessoais ou prestar atenção aos seus pensamentos durante a leitura do texto.

5. Promover um debate coletivo, problematizando os aspectos sociais e históricos que se apresentam no texto. Observar a questão da língua como lugar de manifestação da cultura e constituidora dos sujeitos sociais. Compreender a língua como lugar de marcar desigualdades sociais e violências.

Possibilidades de avaliação ou produção de resultados:

A avaliação vai depender do lugar da atividade na composição do trabalho realizado no componente curricular. Sugere-se: escrita livre – qualquer gênero textual – dialogando com o que se discutiu nesse encontro (exemplos: carta ao Daniel a respeito do que escreveu; carta à avó do Daniel; carta ao moço que se dirigiu ao escritor; poema retomando o tema; poema dialogando com o tema; dissertação).

Outra possibilidade é pedir que o grupo ouça (estudando a letra) a canção “Que país é esse?”, do Legião Urbana, como tarefa, e estabeleça relações com o texto do Daniel



Biografias– Personalidades indígenas

AILTON KRENAK

Nasceu em 29/09/1953 em Itabirinha do Mantena, no Vale do Rio Doce (MG).

Atuação pelos direitos da população indígena:

Líder e militante indígena, jornalista, professor honoris causa pela Universidade Federal de Juiz de Fora, Ailton Krenak tem vasta publicação de livros, artigos e entrevistas, sendo muito respeitado no espaço acadêmico. Procura apontar em suas falas a concepção do mundo indígena, faz denúncias da condição dessas populações no contexto de apropriação continuada de suas terras pelos não-indígenas e propõe o respeito aos seus direitos. Atua fortemente nos movimentos indígenas, ajudou a fundar a “União das Nações Indígenas” e a “Aliança dos Povos das Florestas” e a implementar políticas públicas voltadas para a preservação desses povos. Ficou conhecido nacionalmente, quando ainda era bastante jovem, por sua manifestação na Assembleia Nacional Constituinte, em 1987. Tem uma história pessoal profundamente vinculada à história coletiva das populações indígenas.

Ailton Krenak e sua família foram expulsos de suas terras originais, situadas às margens do Rio Doce, porém retornaram mais tarde reconquistando o território que confere identidade e possibilita sobrevivência ao grupo. Recentemente, os Krenak têm enfrentado os efeitos da atuação de mineradoras na região e da destruição ambiental de seu território, que se agravou com o rompimento da Barragem de Fundão, em 2015, que destruiu totalmente a cidade de Bento Rodrigues, afetando regiões vizinhas e poluindo toda extensão do Rio Doce, desde Bento Rodrigues até o litoral onde o rio desagua.



Palavras-chave: Krenak; militância indígena; meio ambiente; direitos humanos.

Componentes curriculares afins

Sociologia; Filosofia; História; Geografia; Língua Portuguesa; Arte.

Fontes de informação

KRENAK, Ailton. A potência do sujeito coletivo. Parte I. Entrevista a Julia Sá Earp. Revista Periferias, 02.06.2018. Disponível em: <https://racismoambiental.net.br/2018/06/02/ailton-krenak-a-potencia-do-sujeito-coletivo-parte-i/>, consultado em 30.09.2018.

A potência do sujeito coletivo. Parte II. Entrevista a Julia Sá Earp. Revista Periferias, 02.06.2018. Disponível em: <https://racismoambiental.net.br/2018/06/02/ailton-krenak-a-potencia-do-sujeito-coletivo-parte-ii/>, consultado em 30.09.2018.

SIQUEIRA, Roberto. Filme Índio Cidadão. Gravado da manifestação de Ailton Krenak na Assembleia Nacional Constituinte em 04.09.1987. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=kWMHiwdbM_Q, consultado em 30.09.2018



Biografias– Personalidades indígenas



Sugestão de atividade pedagógica

Tema: Populações indígenas: a importância do território e o direito e identidade.

Público-alvo: Atividade apropriada para adolescentes ou adultos (trata-se de um tema adequado também para crianças, exigindo, nesse caso, adaptações apropriadas). Indicada para Ensino Médio, Ensino Profissionalizante, Ensino Superior, Licenciaturas e EJA.

Objetivos: Reconhecer racismo e discriminação vivenciados pelas populações indígenas no processo histórico; compreender os propósitos das lutas indígenas nos dias de hoje; identificar a necessidade da garantia dos direitos humanos e coletivos dos indígenas; conhecer o conceito de sujeito coletivo a partir da concepção de mundo indígena, que deve ser compreendido também pelos problemas sociais que enfrentam.

Materiais necessários: computador, projetor de imagens e caixas de som e acesso à internet para exibição do vídeo.

Métodos ou procedimentos de ação:

1. Apresentar oralmente a sinopse do filme “Índio Cidadão”, de Roberto Siqueira, contextualizando sua produção e o tema abordado.
2. Exibir o filme.
3. Após a exibição, fazer a leitura do trecho da entrevista de Krenak, extraído da referência indicada,



Biografias– Personalidades indígenas

que deverá ser apropriada pelos estudantes como preparação para a aula:

Trecho da entrevista:

-No meu caso a gente foi cuspidado do nosso território muito cedo, porque vivíamos num contexto de comunidades que já eram dadas como integradas ou desaparecidas, comunidades indígenas. Era como se fosse o resto dos índios que sobreviveram à colonização do Rio Doce, mas que ainda tinham modelos de organização que implicavam o acesso comum às coisas. Ter acesso comum a água, ao rio, ao lugar onde você podia buscar comida, acesso de sociabilidade que envolvia a vida de muitas pessoas. Esses coletivos, é isso [retirar] que chamam de comunidade. Eu acho que quando nomeiam esses coletivos de comunidades esvaziam um pouco da potência que eles têm, e plasma uma situação idealizada de comunidade – não conseguem problematizar a vida dessas pessoas.

Sacar uma biografia de um ambiente desses é uma maneira de iluminar todo esse ambiente e projetar sentido na vida de todo mundo; nossos avós, tios, pais, dos nossos irmãos, dos colegas de infância. É uma nave. É uma constelação de seres que estão viajando e transitando no mundo, não no da economia e das mercadorias, mas no mundo das vidas mesmo, dos seres que vivem e experimentam constante insegurança. É como se essas mentalidades, essas pessoas precisassem ter um mundo dilatado para poderem experimentar sua potência de seres criadores. Pessoas que cresceram escutando histórias profundas que reportam eventos que não estão na literatura, nas narrativas oficiais, e que atravessam do plano da realidade cotidiana para um plano mítico das narrativas e contos. É também um lugar da oralidade, onde o saber, o conhecimento, seu veículo é a transmissão de pessoa para pessoa. É o mais velho contando uma história, ou um mais novo que teve uma experiência que pode compartilhar com o coletivo que ele pertence e isso vai integrando um sentido da vida, enriquecendo a experiência da vida de cada sujeito, mas constituindo um sujeito coletivo. (Ailton KRENAK. A potência do sujeito coletivo, 2018)

- Em seguida, conduzir uma discussão ressaltando a noção de sujeito coletivo, que vise apontar para a necessidade do território para a sobrevivência material das populações indígenas e também para manutenção de sua identidade coletiva.

- Debater a noção de identidade coletiva, refletindo sobre o modelo de sociedade contemporânea não-indígena.

Possibilidades de avaliação ou produção de resultados: a avaliação poderá ser feita coletivamente, segundo a apropriação das ideias principais pelo grupo identificadas nas discussões.

Biografias– Personalidades indígenas

RAONI METUKTIRE.

Datas: Não se sabe ao certo a data de seu nascimento; supõe-se que no início dos anos 1930, provavelmente em 1932. Nasceu em um vilarejo chamado Kraimopyjakare, chamado hoje como Kapôt, localizado no coração do Mato Grosso.

Raoni Metuktire, filho de Cacique Umoro, é um líder indígena da tribo caiapó e representa um dos nomes mais fortes na luta pela preservação do patrimônio cultural indígena de forma geral (e não apenas dos Mebêngôkre, ou Kayapós, como são conhecidos nas sociedades ocidentais). Sua luta pelos direitos indígenas e pela defesa das florestas tornou-se mundialmente conhecida, visto que sua atuação passou e ainda passa por diferentes demandas, que vão desde a reinvenção dos modos de se fazer política, como a gravação de filmes, o empreendedorismo social à inserção de jovens indígenas nas universidades.

Os Mebêngôkre, da família linguística Jê, residem em aldeias espalhadas pelos estados do Mato Grosso e do Pará, na bacia do Xingu do norte, e, mesmo expostos ao mundo ocidental por muitos anos, ainda vivem em isolamento voluntário. O primeiro contato dos Metyktire, subgrupo ao qual pertence Raoni, com os brancos ocorreu em 1953, quando os famosos indigenistas brasileiros irmãos Villas Boas estabeleceram o primeiro contato com os Mebêngôkre. A partir desse contato, fundou-se, em 1961, o Parque Nacional do Xingu, com o intuito de abrandar o contato dos povos indígenas com colonizadores.

O primeiro Metyktire a aprender a falar português, e por isso nomeado “capitão” pelos Villas Boas na aldeia de Porori, no Parque do Xingu, Raoni se tornou o principal intermediário de seu povo com os administradores do parque. No final dos anos 1950, teve seu primeiro encontro com um presidente do Brasil, na ocasião, Juscelino Kubitschek, que se comprometeu publicamente com a causa indígena. Esse era



Componentes curriculares afins

Ciências Humanas e suas tecnologias (História, Geografia, Sociologia, Filosofia).

Linguagens, códigos e suas tecnologias (Inglês, Língua Portuguesa, Arte, Educação Física).

Fontes de informação

CAPIBERIBE, Artionka; BONILLA, Oiara. A ocupação do Congresso: contra o quê lutam os índios? *Estudos Avançados*, v. 29, n. 83, p. 293-313, 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v29n83/0103-4014-ea-29-83-00293.pdf>>. Acesso em: 05 out. 2018.

RIBEIRO, Darcy. *Os índios e a civilização: a integração das populações indígenas no Brasil moderno*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

RIBEIRO, Darcy. *Culturas e línguas indígenas do Brasil*. In: *Educação e ciências sociais*, 1957.

KRISNA, Jiva. Raoni Metuktire. *World Conscious Pact*. fev. 2014. Disponível em: <<https://worldconsciouspact.org/pt-br/membros-e-fundadores/raoni-metuktire/>>. Acesso em 05 out. 2018.

NEVES, Roberta Cristina. *O ícone Raoni: líder indígena Mebêngôkre no cenário global*. 2014. 113 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas, Campinas, 2014. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/279770/1/Neves_RobertaCristina_M.pdf>. Acesso em: 05 out. 2018.

RAONI. COM. Disponível em: <<http://raoni.com/biografia.php>>. Acesso em 03 out. 2018.

VELASQUEZ, Vanessa; SCARELLI, Casey; FINCH, Rassoul. Raoni Metuktire – Biography. *Indigenous leaders*. Disponível em: <<http://indigenousleaders.wikispaces.umb.edu/Raoni+Metuktire++Biography>>. Acesso em: 05 out. 2018.

Filme:

SIQUEIRA, Roberto. *Índio Cidadão*. Gravado da manifestação de Ailton Krenak na Assembleia Nacional Constituinte em 04.09.1987. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Ti1q9-eWtc8>>. Acesso em: 05 out. 2018.



Biografias– Personalidades indígenas



o início de uma série de encontros com governantes de vários países, como o ocorrido em 1964 com o Rei Leopold III da Bélgica, que estava em expedição na região amazônica; dentre tantos outros nos anos que se passaram.

Em 1971, a resistência de Raoni e dos Metyktire à construção da estrada BR-080, que retirou a porção setentrional do Parque Indígena do Xingu, onde moravam, fez com que sua figura se destacasse na mídia. Envolvido cada vez mais nas causas de preservação ambiental e do patrimônio cultural indígena, foi, em 1977, tema do documentário Raoni, do cineasta belga Jean-Pierre Dutilleux e do codiretor brasileiro Luiz Carlos Saldanha. Apresentado no Festival de Cannes, a produção foi um sucesso de crítica. Dada toda essa exposição, foi se tornando um porta-voz do povo indígena e de sua luta, encabeçando várias reivindicações pelas demarcações de terras indígenas.

Lembrado no samba enredo de 1985 da Escola de Samba Tradição (RJ), cujo título do samba enredo era “Xingu, o pássaro guerreiro”, Raoni representava o imaginário da ideia de indianidade pura e de luta por suas terras. Tais aspectos também foram mencionados em anterior samba enredo, da Escola de Samba Mocidade Independente de Padre Miguel (RJ), em 1983, que homenageava o Parque Indígena do Xingu e aos povos indígenas.

Raoni atuou significativamente durante o processo da Assembleia Constituinte entre os anos de 1987 e 1988, participando de várias mobilizações por garantia de direitos na Constituição de 1988. Os debates, que contaram com a participação ativa do movimento indígena, foram fundamentais para garantir os direitos fundamentais dos povos indígenas presentes na Constituição.

Em 1989, sua atuação juntamente com os Mebêngôkre foi fundamental para suspender a obra do Complexo Hidrelétrico do Xingu (que incluía a usina Kararaô, hoje chamada de Belo Monte), retomada em 2010. Tal ação foi resultado das discussões ocorridas no Primeiro Encontro dos Povos Indígenas do Xingu, em Altamira (PA), evento de repercussão mundial que contou com a presença de centenas de índios de diferentes povos, da mídia nacional e internacional, de ambientalistas, de lideranças como Ailton Krenak e Marcos Terena, de autoridades como o então diretor da Eletronorte (Antonio Muniz Lopes) e, ainda, do cantor inglês Sting, de quem Raoni obteve apoio contra a obra e com quem empreendeu uma viagem a dezessete países no final da década de 1980, para divulgar campanha em



Biografias– Personalidades indígenas

prol da demarcação dos territórios indígenas e em oposição à construção de Belo Monte.

Como resultado do auxílio internacional angariado por meio dessa viagem, foram criadas organizações não governamentais, como a Rainforest Foundation e a Fundação Mata Virgem, sua filial no Brasil. A visibilidade da campanha também fez com que Raoni e Sting fossem recebidos pelo papa João Paulo II no Vaticano em 1989.

Sua luta foi se fortalecendo a cada ano, e, com isso, recebeu apoio de muitos governantes, como presidente francês Mitterrand, seguido de Jacques Chirac, o rei Juan Carlos da Espanha, o Príncipe Charles, dentre outros. Esteve atuante durante a ECO-92, deu declarações na RIO +20, sendo sempre cercado por jornalistas e fotógrafos.

Em virtude de toda sua luta, em 7 de novembro de 2007, Raoni foi premiado pelo Ministério da Cultura em Belo Horizonte (MG). No ano seguinte, em 11 de dezembro, recebeu o título de Doutor Honoris Causa pela Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT). Em 2011, quando estava em campanha pela Europa contra a construção de Belo Monte, Raoni recebeu, no dia 27 de setembro, o título de cidadão honorário da cidade de Paris, em reconhecimento da sua luta em defesa das florestas e dos povos indígenas.

Nos últimos anos, destaca-se por mobilização contrária à construção da hidrelétrica de Belo Monte e também pela demarcação da Terra Indígena Kapôt Nhinore (PA), território ancestral que há mais de 30 anos é reivindicado pelo povo de Raoni.

Sugestão de atividade pedagógica

Tema: A importância da luta indígena: conquistas de Raoni.

Público-alvo: Atividade apropriada para público adolescente, jovem e adulto. Ensino Médio, Ensino Profissionalizante, Ensino Superior, Licenciaturas, EJA.

Objetivos:

- Problematizar relações estabelecidas com os indígenas;
- Compreender os povos indígenas dentro da sua cosmologia.
- Reconhecer racismo e discriminação vivenciados pelas populações indígenas no processo histórico;
- Compreender os propósitos das lutas indígenas nos dias de hoje;
- Compreender a diversidade cultural brasileira por meio da interpretação de textos.

Materiais necessários:

Recurso multimídia.

Giz, lousa.

Métodos ou procedimentos de ação:

- 1) Sensibilização: Iniciar a atividade apresentando fotos de (i) indígenas lutando por seus direitos, por suas terras, (ii) confrontos envolvendo indígenas e ruralistas. Discutir as imagens com a sala.
- 2) Ativação de conhecimento prévio: Levantar questionamentos sobre a situação e sobre líderes



Biografias– Personalidades indígenas

indígenas que lutam por essa causa.

- 3) Pedir aos alunos que façam uma breve pesquisa sobre a vida de Raoni.
- 4) Fazer leitura compartilhada da bibliografia de Raoni, destacando sua atuação nas questões indígenas. Após isso, levantar momentos de destaque internacional do trabalho de Raoni (ex.: encontro com o papa; recebimento do título de cidadão honorário de Paris; produção do documentário pelo cineasta belga Jean-Pierre Dutilleux etc.). Levantar questionamentos sobre a importância desses momentos (se concordam, se não concordam), conduzindo os alunos a argumentarem sobre seus posicionamentos.
- 5) Assistir o documentário Raoni (1977), do cineasta belga Jean-Pierre Dutilleux e do co-diretor brasileiro Luiz Carlos Saldanha.
- 6) Fazer a leitura dos sambas-enredos feitos em homenagem a Raoni, a fim de comparar com o conhecimento disponível na bibliografia lida e no documentário e identificar e analisar possíveis estereótipos a respeito da história, cultura e luta indígenas.
- 7) A partir dessas discussões, destacar a noção de sujeito coletivo, principalmente no que se refere à necessidade do território para sobrevivência material das populações indígenas e também para conservação de sua identidade coletiva. Articular essas noções com alguns episódios específicos da luta de Raoni (resistência à construção da estrada BR-080, que retirou a porção setentrional do Parque Indígena do Xingu; as várias lutas por demarcações de terras, dentre outros).
- 8) Promover debate coletivo, problematizando os aspectos sociais e históricos que foram apresentados no decorrer das discussões, relacionando as discussões à importância de se ter um líder em vários momentos de luta por direitos.

Possibilidades de avaliação ou produção de resultados:

- 1) Fazer uma pesquisa na internet sobre a questão territorial indígena no Brasil. Separar por grupos. Cada grupo investiga uma área: legislação, história, povos em luta, reflexos nas artes (cinema, literatura etc.). Após a compilação e organização, os grupos apresentam seus resultados à sala.
- 2) Fazer uma pesquisa sobre a atuação de Raoni contra a construção de Belo Monte e apresentá-la em forma de artigo de opinião. Discutir a importância e a repercussão desse momento na mídia. Posteriormente, uma apresentação oral (seminário) pode ser realizada para a sala e/ou escola.
- 3) Por fim, pode-se pedir uma escrita livre – qualquer gênero textual, seja ele de caráter subjetivo ou objetivo –, em que o alunos expressam-se a respeito do que foi discutido nesse(s) encontro(s).



